

# AMOR E RESPEITO PELO SABER

Ricardo Yeza





**AMOR E RESPEITO  
PELO SABER**

RICARDO YEZA

***Ficha Técnica:***

**Título:** AMOR E RESPEITO PELO SABER

**Autor:** Ricardo Yeza

**Editora Digital:** "ÁGUA PRECIOSA"

**Texto:** Verdana 12

**Capa:** RicardoYeza

**Revisão dos Textos:** Abílio Lupenha

**Lubango, 2023**

# Índice

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	6
<b>DEDICATÓRIA</b> .....	8
<b>1.ORIGEM DA FILOSOFIA</b> .....	10
<b>1.2. Condições que Permitiram o Nascimento da Filosofia</b> ....	13
<b>1.3. Método e Objectivo da Filosofia</b> .....	15
<b>1.4. Os Fundamentos e Valor da Filosofia</b> .....	18
<b>1.5. Contributo que Trouxe à Humanidade</b> .....	20
<b>1.6. Importância na Vida do Homem</b> .....	22
<b>2. A HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA</b> .....	24
<b>2.1. Primeiro período: Período Cosmológico ou Pré-Socrático (VI-V a.C.)</b> .....	26
<b>2.1.1. Tales de Mileto (cerca de 620-562 a.C.)</b> .....	26
<b>2.1.2. Anaximandro de Mileto (610-547 a.C. / Século VI a.C.)</b> .....	28
<b>2.1.3. Anaxímenes de Mileto (550-480 a.C. / Século VI a.C.)</b> .....	29
<b>2.1.4 Pitágoras de Samos (Século VI a.C.)</b> .....	30
<b>2.1.4.1 Os Pitagóricos</b> .....	30
<b>2.1.5 Heraclito de Éfeso (Séculos VI-V a.C.)</b> .....	32
<b>2.1.6 Xenófanes de Cólofon (Séculos VI-V a.C.)</b> .....	34
<b>2.1.7 Parménides de Eleia (Século V a.C.)</b> .....	34
<b>2.1.8 Zenão de Eleia (Século V a.C.)</b> .....	37
<b>2.1.9 Melisso de Samos</b> .....	40
<b>2.1.10 Pensadores pós-Parménides</b> .....	40
<b>2.1.10.1 Empédocles de Agrigento (Século V a.C.)</b> .....	40
<b>2.1.10.1.2 Anaxágoras de Clazómenas (Século VI-V a.C.)</b> .....	42
<b>2.2 Segundo Período: Os Tomistas</b> .....	44
<b>2.2.1. Demócrito de Abdera</b> .....	44
<b>2.2.1.1. Leucipo de Demócrito de Abdera (Século V a.C.)</b> .....	46
<b>2.2.2 Período Antropológico ou Socrático (Séculos V-IV a.C.)</b> .....	46
<b>2.2.3. O Movimento Sofista</b> .....	49
<b>2.2.3.1 Protágoras de Abdera</b> .....	51

<b>2.2.3.2. Górgias de Lentini</b> .....	51
<b>2.2.3.3 Pródico de Ceos</b> .....	52
<b>2.2.3.4 Hípias de Élis</b> .....	52
<b>2.3. Terceiro Período: A Metafísica Ateniense</b> .....	53
<b>2.3.1 Sócrates (469-399 a.C.)</b> .....	53
<b>2.3.2. Período Sistemático (Século IV-III a.C.): Os Socráticos</b> .....	58
<b>2.3.2.1. Euclides Mégara</b> .....	60
<b>2.3.2.2 Platão.</b> .....	60
<b>2.3.2.3. Aristóteles</b> .....	66
<b>2.4 Quarto Período: A Filosofia Helenística e Romana</b> .....	73
<b>2.5. Quinto Período: O Neoplatonismo</b> .....	74
<b>2.5.1. A Filosofia Judaico-Alexandrina</b> .....	74
<b>2.5.2. O Gnosticismo.</b> .....	76
<b>2.5.3. Platonismo médio.</b> .....	76
<b>2.5.4. O Neoplatonismo e os autores.</b> .....	78
<b>3.FILOSOFIA MÉDIA OU MÉDIAVAL (SÉCULO VII)</b> .....	82
<b>3.1. Patrística: Santo Agostinho</b> .....	84
<b>3.2. A Escolástica: São Tomás de Aquino</b> .....	84
<b>4. FILOSOFIA MODERNA/A FILOSOFIA DA RENACENÇA (SÉC XIV-XVI)</b> .....	85
<b>5.IDADE MODERNA (SÉC XVI)</b> .....	86
<b>6. FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA</b> .....	88
<b>7. DESENVOLVIMENTO DA FILOSOFIA AO LONGO DOS TEMPOS.</b> ....	90
<b>SOU APENAS EU:SUN, ERGO SUM: SOU, LOGO EXISTO-RICARDO YEZA</b> .....	95
<b>REFERENCIAS</b> .....	96
<b>SOBRE O AUTOR</b> .....	98

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, sem olvidar o autor da vida, reservo-me no direito de lembrar os reconhecidos nomes, poucos não são, com efusiva saudade e homenagem, de familiares, amigos, colegas, instituições conhecidos e formadores (de todos os níveis e lugares) que directa ou indirectamente, efectiva ou afectivamente, cruzaram a minha história existencial, profissional e académica.

Em segundo lugar, sinto-me na grata obrigação de dizer "muito obrigado", expressão que nunca sai da moda. Conferir maiores e melhores, marcantes vestígios de amizade e irmandade. Pois amizade e irmandade provocam incidências na vida feliz, na conduta apreciada e apreciável e na liberdade criadora e criativa: grato por tudo!

Ao Mecenaz "**AGUA PRECIOSA**" não esquecendo a **\*ASA HUÍLA\***  
ACADEMIA DE AUTORES DA HUÍLA / LUBANGO / ANGOLA.



# **DEDICATÓRIA**

Dedico essa obra à todas pessoas que desejam e buscam o saber. E que amam e respeitam o saber!





# 1.ORIGEM DA FILOSOFIA

A **palavra filosofia** vem do **grego** e em sua **etimologia**, aborda o significado sintético, dividindo-se em duas partes: **Philos** ou **philia**, que quer dizer **amor** ou **amizade** e **sophia** que significa **sabedoria**. Ou seja, literalmente significa amor ou amizade pela sabedoria; sendo o filósofo amigo do saber. No entanto, etimologicamente a filosofia é a amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber e é filosófico o que ama a sabedoria. Indica por outro lado, um estado de espírito, o da pessoa que ama, isto é, deseja o conhecimento, o estudo, a procura e busca a sabedoria. Diz Agostinho: "*Todo desejo de saber e todo esforço de conhecer é uma espécie de Amor.*" **Sophia** quer dizer sabedoria e dela vem a palavra *sophos* "sábio". As palavras *sophia* e *sophos* na literatura primitiva grega tinham um sentido muito amplo significavam toda a classe do saber.

Em Homero e Hesíodo *sophia* é o mesmo que habilidade, astúcia e *sophos* significaria pessoa hábil nas artes mecânicas e por extensão, homem astuto, subtil e engenhoso. Heródoto emprega o verbo *philosophien* para designar a cultura do espírito, o espaço de adquirir conhecimentos novos. A palavra *philosophoi* encontra pela primeira vez em Heráclito: convém, pois sem dúvida, que tenha conhecimento de muitas coisas, "*os homens amantes da sabedoria*". Foi Pitágoras (580-465 a. C) quem deu o sentido exacto à palavra filosofia e filósofo, e recebe o nome de filósofo, porque dizia que nenhum homem é sábio, só *Deus* o é; o homem tem de contentar-se com amar e procurar a sabedoria. Para os Sofistas (444. a. c), a palavra filosofia se emprega para designar o exercício sistemático do conhecimento teórico.

**A filosofia é o estudo de todas as coisas pelas suas últimas causas à luz da razão.** Filosofia de origem grega que literalmente é Amor ao saber ou à sabedoria / amigo do saber. É o estudo de problemas fundamentais relacionados com existência, ao conhecimento, à verdade, aos valores morais e estéticos, à mente e à linguagem. Diz-se que foi Pitágoras que pronunciou o termo pela primeira vez, pois referia aos jogos olímpicos, sobretudo àqueles que ficavam distante a observar o comportamento e os porquês dos jogadores e os espectadores. Dado que o filósofo é aquele que está atento a todas as realidades que o cercam. A palavra filosofia, como sabemos, é uma composição de duas palavras: *Philos* ou Filos (que significa amizade, amor fraterno e respeito entre os iguais) e *Sophia* ou Sofia (que significa sabedoria ou simplesmente saber). Filosofia, no entanto, significa amor pelo saber, amizade pela sabedoria, amor e

respeito pelo saber; e o filósofo, por sua vez, seria aquele que ama e busca a sabedoria, tem amizade pelo saber e deseja saber. (Ricardo Yeza).

A palavra nessa concepção que temos surgiu com Tales de Mileto (aproximadamente em 595 a.C.), ganhou especial sentido, segundo Cícero e Diógenes, com Pitágoras (aproximadamente em 463 a.C.). A Filosofia é o estudo das inquietações e problemas da existência humana, dos **valores morais, estéticos**, do conhecimento em suas diversas manifestações e conceitos, **visando à verdade**; porém sem se considerar como verdade absoluta, nem tentando achar essa máxima como verdade absoluta.

**A origem da Filosofia como ciência, ou mesmo como forma de estudo das inquietações humanas, surge no século VI a. C. na Grécia Antiga, que é chamada de "o berço da Filosofia Ocidental", concretamente, na cidade de Mileto, como resultado de uma intensa mudança de pensamento.** Ou seja, a partir do final do século VII a. C., a humanidade não se satisfazia mais com **explicações míticas da realidade**. Daí o surgimento da Filosofia.

**Algumas razões apresentam-se com sendo a causa fundamental da origem da Filosofia na Grécia Antiga:**

-Embora tenha havido expressões de conhecimento no **Oriente** e na **África**, a maior parte dos historiadores considera que a Filosofia, entendida como um conhecimento racional e sistemático tenha-se iniciado na **Grécia**. A defesa parte da própria natureza dos **conhecimentos produzidos até então**, ainda **ligados de alguma forma ao saber religioso**.

-A Grécia Antiga era formada por um conjunto de cidades-Estado (pólis) independentes que podiam ser, em alguns casos, até mesmo rivais entre si.

-Mesmo que a Grécia não fosse uma unidade em termos de território e de pensamento há algumas condições que propiciaram que fosse ali o surgimento da Filosofia: **a poesia, a religião e a política**.

-Um longo processo determinado por esses factores, promoveu uma mudança na mentalidade grega. A **religião** grega, tanto a **pública**, como aquela referida como "**a religião dos mistérios**", era **não dogmática** e permitia que os filósofos expressassem suas ideias. **A poesia** buscava uma causa nos acontecimentos narrados e isso denota uma preocupação em compreender a realidade. A **política**, que se desenhava a partir daquilo que viria a chamar-se **democracia**, dependia do discurso e da explicação racional das ideias. O **comércio**, que se desenvolvia, permitiu tanto o contacto com outras formas de

pensamento, o que de certa forma contribuiu para moldar a mentalidade do homem, levando-o a obter maior capacidade de **abstracção**.

A filosofia tem origem na **admiração**, assim asseguram os antigos que levaram a filosofia à sua plenitude. Ela *nasce do espanto do homem com a natureza, com a realidade visível*. Aristóteles no seu livro I da Metafísica escreve “ *os homens começaram e começam sempre a filosofar movidos pela Admiração (A admiração é a condição de onde deriva a capacidade de problematizar, de esquadriñar; é marco da sabedoria enquanto busca conhecer)* ”. Tomás de Aquino afirma que naturalmente *todos os homens têm o desejo de conhecer as causas últimas de todas as coisas*” portanto, impregnaram o homem a filosofar. Jaspers assinala como *origem da filosofia a admiração, está pois na admiração a origem do filosofar*, José Sanabria diz: “a Filosofia não é para quem quer, mas para quem ama”. O nosso ponto de partida é o Assombro, a surpresa, diz Platão “*Surpreender-se é por excelência, o sentimento metafísico*”. Aristóteles acrescenta é “*pela surpresa que os homens, agora e desde a origem primeiramente começaram a filosofar.*” Schopenhauer o “homem é o único animal que se surpreende de existir de si mesmo e se questiona...” João Scoto Erigena: “ a sede de saber é uma tendência inata no género Humano ” portanto, é algo que acompanha o homem desde a sua origem. João Paulo II na Encíclica Fides et Ratio nº 51 “ser filósofo significa estar atento à realidade e buscar-lhe o sentido profundo das realidades (verdade). Deus colocou no coração do homem o desejo do conhecer a verdade.”

A filosofia é um pensamento interrogativo (sabedoria), uma tentativa permanente de explicação da vida dos homens no universo (saber). Aristóteles o primeiro a fazer uma pesquisa rigorosa e sistemática em torno a ela afirma que a “*filosofia estuda as causas últimas de todas as coisas*”, Cícero a define como o “*estudo das causas humanas e divinas da coisas*”. Descartes escreve que a filosofia *ensina o bem raciocinar*, o idealismo alemão e Hegel entende-a *como a saber absoluto*. Para Kant a filosofia é conhecimento que a razão adquire de si mesma para saber o que pode conhecer, e o que pode fazer, tendo como finalidade a felicidade humana. Marx: “a filosofia é o poder de transformação da história do mundo”. Merleau- Ponty: a filosofia é um despontar para ver e mudar nosso mundo. Para Espinosa, trata-se de um conhecimento árduo e difícil, mas que pode ser percorrido por todos se desejarem a liberdade e felicidade. Para Xavier Zubiri: “ a filosofia não é outra coisa senão, um saber (conhecer) para actuar.”

## 1.2. Condições que Permitiram o Nascimento da Filosofia

Segundo ROCHA e MAGALHÃES (1982: 18-19), os estudiosos concordam em que para se poder compreender a filosofia de um povo e de uma civilização, é necessário fazer referência, à arte, à religião, às condições sociopolíticas desse povo. Assim sendo, vamos aqui sublinhar de maneira precisa tais Condições (As condições foram: as viagens marítimas, descobrimentos de novas terras, a invenção do calendário para calcular o tempo, invenção da moeda que permitiu a troca ou a permuta por meio do calculo, surgimento da vida urbana, a invenção da escrita alfabética – Hieróglifos e ideógrafos, a invenção da política que dá a ideia da lei, espaço público (polis) e o direito) da antiga Grécia:

**-Os poemas homéricos e os poetas gnómicos.** Antes do nascimento da filosofia, os poetas tiveram uma grande importância para a educação e formação espiritual do homem entre os gregos. Os primeiros gregos procuraram o alimento espiritual sobretudo nos poemas homéricos: *a Ilíada e a Odisseia*; em Hesíodo e nos poetas dos séculos VII e VI a.C. Particularmente dos poemas que são essências para a criação da filosofia. Os poemas homéricos tentam apresentar a realidade na sua integridade, na sua totalidade, embora sejam de forma mítica: deuses e homens, céus e terra, guerra e paz, bem e mal, alegria e dor, totalidade que rege a vida dos homens. A filosofia tentará mostrar de forma racional a realidade.

**-A Arte.** A motivação constitui em Homero uma autêntica constante: todavia, não se limita a narrar uns factos; pesquisa também as suas causas e reacções, embora sejam a nível mítico-fantástico e assim se prepara a mentalidade que em filosofia levará à procura da causa e do princípio do "*Porquê último das coisas*".

**-A Religião pública e dos mistérios órficos.** Para religião pública, tudo é *divino*, porque tudo que acontece tem sua razão nas intervenções dos deuses. Estas deidades são forças naturais personificadas por meio de formas humanas idealizadas, ou também são aspectos dos *homens sublimados*. Os especialistas consideram que a religião pública dos gregos constitui uma forma de naturalismo. Em consequência, não exige ao homem uma radical mudança interior, um elevar-se acima de si mesmo. A primeira filosofia grega foi naturalista e a referência à natureza foi permanente ao longo do desenvolvimento histórico da filosofia.

**-As condições sócio- políticas e económicas.** Um facto importante foi a liberdade política que tiveram os gregos à diferença dos orientais que tinham uma obediência cega ao poder religioso e político (teocracia). Os gregos, à diferença dos outros povos conseguiram pela primeira vez na história ter instituições livres. Nos séculos VII e VI a. C a Grécia sofreu uma transformação considerável, no ponto de vista sócio- económico. Passou dum país primordialmente agrícola a um país onde se desenvolve cada vez mais a indústria. As cidades converteram-se em centros comerciais florescentes, o que provocou um aumento considerável da povoação. A nova classe dominante e artesões conseguiu cada vez mais uma considerável força económica e se opôs à concentração do poder político à nobreza latifundiária.

Conferindo REALE Giovanni e DÁRIO Antiseri, na Historia da Filosofia, Iº volume, dizem-nos que a vida pública abre o caminho a ciência e o sentimento da jovem *liberdade*, outorgou ao carácter do povo grego um impulso onde a actividade cientista não ficou alheia. Ao constituir-se a polis, aliás as cidades-Estado, o grego não considerou este fenómeno contrário ou obstáculo a sua própria liberdade, pelo contrário, se encontrou levado a pensar-se a si mesmo como cidadão, de maneira que para eles o homem e o cidadão é o mesmo. Desta forma, o estado convertera-se no horizonte ético; e os fins do estado são os fins do cidadão e o bem do estado como seu próprio bem, a grandeza do estado como a própria grandeza e a liberdade do estado como sua liberdade.

### 1.3. Método e Objectivo da Filosofia.

Conhecimento científico é aquele que é aceite em factos estudados e comprovados cientificamente. O método científico Representa a metodologia que define e diferencia o conhecimento da ciência de outros tipos de conhecimento. A filosofia da ciência cria o método científico para excluir tudo o que tem natureza subjectiva, e que portanto, não é susceptível de formar parte do conhecimento científico. Segundo Gaston Bachelard, "O facto científico é conquistado (Conquistado sobre os preconceitos), construído (Construído pela razão) e verificado (Verificado nos factos)."

*O método indutivo* parte das observações particulares para chegar a conclusões gerais. Induzir é chegar a uma conclusão a partir de dados particulares. O método indutivo é o método proposto por autores empiristas como David Hume, Jonh Locke, Francis Bacon e Thomas Hobbes. Para eles o conhecimento está fundamentado apenas na experiência e não deve partir de princípios pré-estabelecidos (dedutivos). A conclusão indutiva é provável e não necessariamente verdadeira.

*O Método dedutivo*, ao contrário do anterior, parte da generalização e quer confirmá-la na particularidade. Parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões em virtude de sua lógica. A dedução é um método proposto por autores clássicos como René Descartes, Spinoza e Leibniz.

O Método indutivo-dedutivo combina os dois anteriores. Parte da observação para a indução faz a dedução e volta à observação. O esquema é o seguinte: observação dos fenómenos – indução – dedução – volta aos fenómenos. Aristóteles foi quem propôs esse método. Stuart Mill fala dos três passos que o constituem: a indução, a dedução (raciocínio) e a experimentação. Outro autor que consagrou esse método foi Isaac Newton chamando-o de "análise e síntese". A análise para Newton é o momento de observações e experimentações; já a síntese é o momento de fazer as conclusões gerais, as descobertas, as causas, as excepções e os princípios, a partir da indução, que explicam os fenómenos. O Método de Indução-Dedução consiste em partir de factos singulares para chegar a proposições gerais (indução) e logo a partir destas, realizar demonstrações ou inferências particulares (dedução). A indução e a dedução se dão num processo dialéctico de unidade e separação. Indução (De factos singulares a proposições gerais) e Dedução (De proposições gerais chegar a inferências particulares).

De acordo com a diversidade dos problemas, vários métodos têm surgido no decorrer dos séculos, mas há duas constantes que sempre aparecem nessa variedade de métodos. A base de todos os métodos é o senso comum, ou o bom senso, o conhecimento que surge a partir da própria experiência da vida, conhecimento compartilhado por todos. O **método Maiêutico** de Sócrates, o **Ascensos e descensos - dialéctico** de Platão, **dedutivo e indutivo** de Aristóteles, o **alegórico** de Orígenes, o **Introspectivo** de Agostinho, o **Analógico** de Tomás de Aquino, o **do Coração** de Pascal, o **Transcendental** de Kant, o **Positivo** de Comte, o **Pragmático** de James, o **Fenomenológico** de Husserl etc. A Filosofia para o seu estudo apresenta-nos dois grandes métodos fundamentais: *o Método Especulativo e o Analítico*. *O método especulativo* consiste em abordar um problema ou de criar uma teoria, visando uma perspectiva ampla e final, com validade universal para sua época. Pelo método especulativo constrói-se um sistema, um corpo de explicação. *O método analítico* consiste na análise lógica dos problemas ao mais íntimo dos problemas, das relações de linguagem, significado dos termos, para se examinar a coerência, o rigor do texto ou da linguagem. A análise dos fundamentos do saber e dos fundamentos ou pressupostos da acção, na teoria do conhecimento e na teoria dos valores. Análise da linguagem para verificar a coerência interna do texto, exposição ou linguagem.

As ciências estão voltadas construtiva e metodicamente para os objectos de pesquisa, ao passo que a filosofia se volta reflexiva e criticamente para os fundamentos do conhecimento e da acção. Diz Battista Mondin (Curso de Filosofia. Os filósofos do Ocidente vol.I, Paulus, São Paulo, 2011, pág. 8): “*a filosofia tem um método diferente em relação às outras ciências, diante da realidade ela pode usar o da justificação lógica, racional ou da análise sucinta*”. Os valores que dirigem a acção se constituem num dos temas específicos da Filosofia. Toda a realidade é objecto de conhecimento, e portanto, de ciência. A ciência aspira a obter um conhecimento das coisas cuja amplitude e variedade corresponda exactamente a mesma realidade. Já para a filosofia, é a realidade em geral ou seja a totalidade do real.

**O objectivo da filosofia** não consiste em buscar fins práticos, não tem interesses externos como a ciência, a arte, a religião e a técnica, as quais de um modo ou de outro, sempre têm em vista alguma satisfação ou alguma vantagem. Ela tem como *único objectivo o conhecimento, procurar a verdade pela verdade mesma, prescindindo de eventuais utilizações práticas. Tem uma finalidade puramente teórica, especulativa, ou ainda contemplativa*. A filosofia não procura a verdade por algum motivo que não seja a própria verdade. Podemos dizer que, a filosofia tem um único objectivo o



"*conhecimento*", ela procura a verdade pela verdade, prescindido de eventuais utilizações, pretensões, não tem somente finalidade teoricamente contemplativa, mas também prática.

## 1.4. Os Fundamentos e Valor da Filosofia

A palavra filosofia, etimologicamente só expressa curiosidade, afeição, o desejo de saber, sem referir-se a nenhum objecto determinado. E isso é realizado livremente sem qualquer intervenção, deliberadamente nasce do próprio homem. De acordo com Guillermo FRAILE (1990, 2-38), a liberdade de consciência inaugura um poder responsável que vai a eleger de diversas maneiras, ademais, é que a exterioridade existe. O ser uno e diverso compreende a matéria, esta enorme matéria do mundo cósmico que entra em nossa experiência, tem uma parte considerável. Assim a exterioridade, personalidade, liberdade e espiritualidade de cada um e de sua vida é um objectivo por conquistar de alguma maneira. A filosofia como ciência do geral, cosmo visão, contemplação panorâmica de todos os seres, uma visão rica, pletórica, matizada do universo com sua diversidade, enquadra numa unidade de ordem e hierarquia, procura descobrir o ser, a verdade, o bem, a beleza em si mesmo de tal modo que possa conhecer tais coisas.

A filosofia é uma exigência da razão para que procura restaurar a unidade e a harmonia no plano do pensamento teórico, mas na razão prática, que se empenha para conhecer o mundo e conseqüentemente transformá-lo a fim de instaurar a harmonia do pensamento e da própria existência ou realidade humana. A busca do porquê levou aos homens a dar razões da realidade, explicitar o sentido do real e existencial. Diz Kant; "a filosofia é um conhecimento que a razão adquire de si mesma para saber o que pode conhecer e o que pode fazer, tendo com finalidade a felicidade humana".

**O fundamento da filosofia** está no conhecimento da realidade em geral enquanto tal. A busca das causas últimas e dos princípios primeiros de tudo (os seres, as coisas, os fenômenos, a natureza física, etc.). Deste modo, nascem as grandes interrogações: por que existo? Por que há algo em vez de nada? Como posso saber algo? Para que vivo? Quem sou e para onde vou? Será que existe algo mais por cima de mim? De onde vim e para onde vou? (...). É precisamente a estas interrogações que o homem começa a filosofar. Pois, deseja encontrar a respostas delas. A filosofia surge quando uma consciência se enfrenta a um problema radical e intenta dar-lhe solução. Daí que ela mesma seja um problema, constante atitude problemática cujas raízes estão na problemática radical da nossa existência. A existência humana é o maior enigma, havia dito Agostinho de Hipona: " Eu era para mim mesmo um grande problema (*factus era ipse mihi magna questio*)".

**A busca dos porquês, o quê, para quê** e o como da realidade em geral, da cultura, da arte, religião, dos valores, da tradição, do cosmo,

da vida, da existência, dos fenómenos... É fundamento da sabedoria, isto é, da própria filosofia (*o porquê das coisas*). A busca da sabedoria implica a busca do saber. A sabedoria é a busca daquele saber que, por sua própria natureza, torna feliz o próprio homem. Conduz o homem a verdade mesma. **O valor da filosofia** consiste na busca do conhecimento mesmo, na investigação das coisas e de si mesma, que leva o homem buscar caminho para viver mais humanamente. Portanto, a filosofia é um saber. Um não saber pelo saber, senão um saber para viver; para viver e para morrer. Ensina a viver como homem cabal, porque o homem é demasiado grande para bastar-se a si mesmo. O objectivo dela é o conhecimento, tendo em vista simplesmente pesquisar a verdade em si mesma, prescindido de eventuais utilizações práticas. Diz o velho ditado: *quem busca algo por interesse, ama mais o interesse que aquilo que busca.*

## 1.5. Contributo que Trouxe à Humanidade

A filosofia é a aspiração pelo conhecimento na sua totalidade, no entanto, desde os primórdios, ela trouxe grandes contributos ao mundo. Em linha gerais salientamos os seguintes aspectos:

1) Despertou a *consciência reflexiva* no homem sobre o cosmo, as coisas, a existência, e os problemas que afligem o próprio homem. Desenvolveu o *espírito crítico* e abriu novos horizontes ao homem e à humanidade

2) Nova *visão* do mundo e *nova forma de interpretação* do homem, dos problemas, da vida, da existência... Contribuiu para que o mundo abandonasse a ingenuidade e os preconceitos do senso comum fútil. Buscou *compreender* a significação do mundo, da cultura e da história.

3) Deu *abertura* às outras ciências que permitiu a nova visão do mundo em geral, e em particular as interpretações do realismo cósmico. Contribuiu para que o homem possuísse a capacidade reflexiva e raciocinativa, conseqüentemente uma visão ordenada do mundo, das coisas e da vida em particular. Ela procura a autonomia do pensamento, luta contra as nossas tendências para integrar, sem discriminação.

4) Abriu o caminho ao *cientificismo*, isto é, novas ciências surgem em detrimento da filosofia, tais como, a Cosmologia, a Sociologia, a Psicologia, a Psicanálise, a Biologia, a Astronomia, a Lógica, a Antropologia, a Gnosiologia, a Pedagogia etc. As novas correntes do mundo contemporâneo (Positivismo, idealismo, estruturalismo, voluntarismo, espiritualismo, a fenomenologia, neopositivismo, existencialismo) têm como base a filosofia

5) A *valorização* cada vez mais do *próprio homem* fez com que o homem se tornasse o centro de todos os interesses, concomitantemente a acentuação da dignidade humana que culmina na proclamação dos direitos humanos. Reconhecer profundamente a existência humana, o valor da vida, sua origem, seu valor, seu destino, etc. (a pessoa é e deve ser o princípio e o fim de tudo que faz o homem) Consciencializou o homem da sua força activa, transformadora e recreadora do mundo físico e social, desenvolvendo cada vez mais as suas potencialidades. No entanto, parece hoje, a filosofia não tem valor nenhuma aplicação na sociedade, pelo contrário, ela tem maior aplicação. A proliferação das ciências hodiernas têm bases puramente filosóficas, as ideologias reinantes são profundamente marcadas pela filosofia desde as suas origens e formação, política bem como poder, a

globalização possui em si bases filosóficas indeléveis. Em todos campos da sociedade, a presença da filosofia é imprescindível.

## 1.6. Importância na Vida do Homem

Em nossa cultura e sociedade, costumamos considerar que alguma coisa só tem o direito de existir se tiver alguma finalidade prática, muito visível e de utilidade imediata. Por isso, ninguém pergunta para que as ciências pois todo mundo imagina ver a utilidade das ciências nos produtos da técnica, isto é, na aplicação científica à realidade. Todo mundo também imagina ver as utilidades das artes, tanto por causa da compra e venda das obras de arte, quanto porque nossa cultura vê os artistas como génios que merecem ser valorizados para o elogio da humanidade. Todavia, ninguém ousa ver para que serviria a filosofia? Ou porquê da filosofia?

As ciências pretendem ser conhecimentos verdadeiros, obtidos graças aos procedimentos rigorosos do pensamento, corrigindo-os e aumentando-os. Ora, todas estas pretensões das ciências pressupõe que elas acreditem na existência da verdade, de procedimentos correctos para bem usar o pensamento, na tecnologia como explicação prática de teorias, na racionalidade dos conhecimentos, porque podem ser corrigidas e aperfeiçoadas. Verdade, pensamento, procedimento apenas para conhecer factos, relação entre teoria e prática, correcção e acúmulo de saberes, tudo isso, não é ciência, são questões filosóficas. O que os cientistas partem delas com questões já respondidas, mas é a filosofia quem as formula e busca respostas para elas.

Ademais, o senso comum continua afirmando que a filosofia serve para alguma coisa. Ora, o principal para a filosofia não são os conhecimentos que ficam por conta da ciência, nem as aplicações de teorias que ficam por conta da tecnologia, mas *o ensinamento moral ou ético* quer dizer o valor do homem enquanto homem. A filosofia seria *a arte do bem viver*, estudando as paixões e os vícios humanos, a liberdade e vontade, analisando a capacidade de nossa razão para impor limites aos nossos desejos e paixões, ensinando-nos a virtude, que é o princípio do bem viver. A filosofia não é nem retórica nem literatura, é lançar *um olhar crítico* sobre o real procurando desvendá-lo pela radicalidade do seu modo de tratar as questões. A filosofia é imprescindível ao homem, visto que está presente e se manifesta no homem, através dos provérbios tradicionais, nas convicções dominantes, na linguagem, na crença política. Não se pode fugir da filosofia, visto que, ela faz parte do quotidiano do homem de formas diversas, de maneira boa ou má, de forma consciente ou inconsciente, de forma clara, não se pode recusar a filosofia porque é imprescindível ao homem enquanto ser pensante.

Diz Karl Jaspers (1883-1969) na Introdução à Filosofia: “filosofar é estar a caminho, é despertar a consciência dos homens, libertação do homem do dogmatismo do senso comum, trata de manter o homem numa situação de dependência, numa incapacidade de autodeterminação e de deliberação, abaixo das suas possibilidades”. A filosofia encaminha o homem, a desperta-lo e a liberta-lo da premência quotidiana de satisfação exclusivamente às necessidades vitais. O homem é um processo, por isso, a filosofia visa sugerir ao homem a sua afirmação como elemento essencial do mundo físico e humano. A intenção da filosofia é *consciencializar* o homem da sua força activa e transformadora recreadora do mundo físico e social.

As pessoas demasiado imbuídas de pragmatismo tecnicista julgam de maior interesse o imediatismo da resposta que a técnica fornece do que os projectos de longo prazo que a filosofia propõe. Para estas a verdade confunde-se com a utilidade material e viver intensamente cada dia é mais importante para elas do que elaborar um projecto global de vida de muitos dias, ou anos. Tudo isso, não é senão o resultado de se tentar tornar extensivo o ideal da sociedade de consumo “adquira, use e deite fora”. Alguns ainda, consideram como passatempo inútil, julgam que a filosofia faz distinções de natureza frívola, porque fomenta controvérsia sobre assuntos onde não é possível o conhecimento. Por influência da ciência, dos negócios práticos, possuíram concepções erradas dos fins da vida humana e uma perspectiva errada sobre a espécie de bens que a filosofia procura.

A filosofia visa conhecer o mundo a vida, os problemas, visa o exame crítico dos fundamentos das convicções, dos preconceitos e das crenças. *O homem que filosofa jamais se recusa a intervir no domínio social. Só a reflexão crítica permite ao homem compreender a alienação que há na sociedade do lucro e do utilitarismo.* A filosofia lança o homem a compreender, tomar consciência, libertar-se de estranhas dependências e de injuriosas servidões, faculta o homem viver com dignidade. O homem só poderá liberta-se e viver se reflectir criticamente “ *se negar é preciso, filosofar é indispensável*”. Na vida a filosofia visa libertar, despertar a consciência e iluminar o indivíduo. Fazer com que o indivíduo tome consciência de si mesmo, da natureza que o rodeia, o outro que se apresenta e se afirma. Portanto, terminamos a nossa reflexão afirmando “ *a filosofia é um saber para actuar, não é um saber passivo e conformista, ela vai mais além.*”

## 2. A HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA

**Bem-vindo ao mundo fascinante do saber racional das origens.**

**A história da Filosofia Antiga que teve o seu início em Mileto.** A história da filosofia Antiga compreende um espaço geográfico que vai do Golfo Pérsico ao Atlântico, da África do Norte aos Alpes. A sua extensão temporal é de mais de um milénio: do séc. VII a. C até 529 d. C, ano em que o imperador Justiniano decretou que a escola neoplatónica de Atenas fosse fechada.

O primeiro centro onde floresceu a filosofia foi Mileto, a cidade mais poderosa da região chamada jónia (actual Turquia), na Ásia menor. É uma cidade de comerciantes e navegadores. Aí se desenvolveu o pensamento científico dos gregos. Já não se contentam com os mitos, a solução dos problemas candentes já não se procura nem se encontra na vontade dos deuses; procura-se dar uma explicação racional aos eventos e dados da natureza. Começa-se a utilizar a razão como meio adequado de penetrar na realidade. Os gregos tomaram consciência do valor da actividade racional. Por isso se diz que os gregos descobriram a razão. Mileto tinha condições favoráveis para o surgimento da filosofia pelo seguinte: Era uma cidade marítima frequentada por gente vinda de todo o lado e gente conhecedora de todo o tipo do saber daquele tempo; Mileto vivia em paz e tranquilidade, o que favorecia a especulação racional; Os jónios tinham uma grande capacidade de observação, de estudo e de investigação; e o contacto com o mundo conhecido naquela época ajudou os gregos a obterem mais conhecimentos científicos.

Numa primeira fase, a filosofia grega tem por objecto o estudo da natureza. Queria-se saber qual é a origem única das coisas. Qual é o elemento primordial a partir do qual tudo é gerado? Na natureza há constantes transformações. Qual é o elemento primordial que origina essas transformações? Pelo facto de se interessarem, sobretudo pela natureza e pelos processos físicos, os primeiros filósofos gregos são conhecidos como "filósofos da natureza". O que nos importa não é tanto as respostas que deram os primeiros filósofos; são, sobretudo as questões que levantaram. Desejavam compreender os fenómenos da natureza sem recorrer aos mitos. Procuravam compreender os processos da natureza observando a própria natureza.

Quanto à periodização, isto é, no que diz respeito aos períodos em que se divide a filosofia antiga, há muitas opiniões. Nós vamos seguir a que a divide em cinco períodos. O **primeiro período** vai de



Tales a Anaxágoras. Nele é notória a influência da religião sobre as primeiras especulações metafísicas. Dos atomistas aos sofistas está-se no **segundo período**. Baixa a influência da religião e se afirma a arte literária. O **terceiro período** compreende Sócrates, Platão e Aristóteles. É conhecido como o período metafísico. A religião, a arte, a política e a ciência exercem uma notável influência na filosofia. O **quarto período** é o do humanismo helenístico e romano em que ora predomina o interesse anti-religioso (como é o caso dos Epicuristas), ora a ciência, ora a política, ora a religião. O **quinto período** é o neoplatónico. Há uma grande influência das religiões orientais. Vai do século III ao século VI d.C. Filosofia Antiga é o título utilizado quando nos referimos à Filosofia do período Grego - Romano. Apesar de se identificar o nascimento da Filosofia Ocidental na Grécia Antiga, isso não significa que não se filosofava antes dos gregos. Neste capítulo vão ser estudados os períodos Cosmológico ou Pré - Socrático, Antropológico ou Socrático e Sistemático e os seus respectivos representantes. De forma sucinta, mencionaremos os filósofos pré-socráticos mais influentes, incluindo alguns comentários gerais das suas ideias. É assaz importante ressaltar que os complementos aos nomes dos filósofos fazem referência às cidades onde nasceram. (Mattar, 2010, 42).

## 2.1. Primeiro período: Período Cosmológico ou Pré-Socrático (VI-V a.C.)

Os filósofos cosmológicos ou pré-socráticos, considerados primeiros filósofos ocidentais, são assim denominados não apenas porque viveram e desenvolveram seu pensamento antes de Sócrates (isso não é o caso de todos eles), mas sobretudo porque possuem uma **unidade temática**: a **PHYSIS** ou a **FÍSICA**. Em geral, preocupavam em saber a origem e o destino do **UNIVERSO** e as transformações das substâncias. Eles procuravam definir **um elemento primordial (ARKHÉ)** para o cosmos, que agora pode ser compreendido pela **razão humana e explicado cientificamente** e não de forma **mítica, lendária** e **“deusificante”**. Eram observadores e estudiosos da **natureza**, por este facto, chamados de **PHYSIOLOGOI**, ou seja, **FILÓSOFOS DA NATUREZA**. Tales, Anaximandro e Anaxímenes. A sua preocupação essencial é encontrar o Arké (o princípio), isto é, a causa suprema de tudo. São os primeiros precursores no caminho da ciência. Afastaram-se do mundo do mito e optaram pela investigação e pelo pensar racional.

### 2.1.1. Tales de Mileto (cerca de 620-562 a.C.)

**A vida.** É o primeiro filósofo de que se tem notícia. Quase nada se sabe da sua vida. Diz-se que viajou muito; que mediu a altura de uma pirâmide no Egito, medindo a sombra da pirâmide no momento em que ele próprio e a sua sombra mediam a mesma altura. Previu um eclipse do sol para 28 de Maio de 528 a. C, o qual teria lugar numa região da jônia; e concretizou-se. Desviou o curso do rio Halys. Um homem extraordinário. Prevendo uma colheita abundante de azeitonas, mandou construir lugares, alugou-se e ganhou uma fortuna.

**A doutrina.** Tales diz que a causa de tudo é a **água**. Portanto ele é o primeiro pensador que admite uma causa natural das coisas. Esta água, enquanto princípio de vida e causa de tudo, é algo de divino. Compreende-se, pois, que Aristóteles diga que para Tales “tudo está cheio de deuses”. Qual é a coisa mais antiga? Tales: Deus porque sempre tem existido. Qual é a coisa mais Formosa? Tales: O universo porque é obra de Deus. Qual é a maior de todas as coisas? Tales: O espaço, porque contém o Criador infinito. Qual é a coisa mais constante? Tales: A esperança, porque permanece ao homem mesmo depois de ter perdido tudo. Qual é a melhor de todas as coisas? Tales:

A virtude, porque sem ela não existe nada de bom. Qual é a mais rápida de todas as coisas? Tales: O pensamento, porque num abrir e fechar de olhos, pode voar até aos confins do universo. Qual é a mais forte de todas as coisas? Tales: A necessidade, porque faz com que o homem enfrente todos os perigos na vida. Qual é a mais fácil de todas as coisas? Tales: Dar concelhos. Eripson: E então, qual é a mais difícil de todas as coisas? Tales: Conhecer-se a si próprio.

**Tales de Mileto (século VI a.C. / 645 ou 624 - 558 ou 556 a.C.) Pai da Filosofia Ocidental** Tales é em geral considerado o primeiro filósofo. Assim como Anaximandro e Anaxímenes é considerado **monista**, ou seja, para ele a origem da realidade se reduz a apenas um elemento. Tales considerava que a **água é o princípio absoluto de todas as coisas** e que a água podia se transformar em estado líquido, sólido e em vapor o que explicaria as mudanças da realidade. Ele acreditava que todo ser provém do estado de humidade e que a própria Terra flutuava sobre a água. A sua terra natal era Mileto, um porto movimentado na costa da Ásia Menor, hoje Turquia. Os comerciantes que passavam por Mileto traziam novas ideias de todo o mundo civilizado. Tales foi um astrónomo e um estudioso da água. Era capaz de manobrar barcos e percorrer os rios. Tales disse ainda que o Mundo flutuava como um tronco num curso de água interminável. Previu correctamente um eclipse do Sol. (Weate, 1998, 8).

## 2.1.2. Anaximandro de Mileto (610-547 a.C. / Século VI a.C.).

**Nasceu em Mileto e foi discípulo de Tales.** Foi matemático e astrónomo. É ele que pela primeira vez, como físico, projectou um mapa da terra habitada com uma hipotética divisão de mar e terra. Também foi o primeiro a dar uma explicação puramente física do mar. Diz que os fenómenos atmosféricos e os terremotos têm causas naturais. Construiu o primeiro globo celeste, que era uma meia esfera onde estavam representadas as constelações. Introduziu na Grécia a divisão do dia em doze partes e construiu um relógio solar. É ele que começou a usar a palavra cosmos referindo-se a todo o universo. Originariamente cosmos significava ordem. O Universo é regido por uma lei que faz com que haja uma interdependência em todo o mundo visível, desde as profundidades da terra até às estrelas.

Na busca de solução para o princípio comum a todas as coisas, Anaximandro diz que esse princípio é uma substância indeterminada e invisível. Dele provém a água e todos os elementos da natureza. A esse princípio dá o nome de ápeiron (o indeterminado, o indefinido ou ilimitado). Este é o primordial, o divino, o imortal, o não gerado, o imutável, o venerável, diz limitado e o limitado não pode ser a origem das coisas. Segundo Anaximandro, o ápeiron está em eterno movimento e é o movimento que determina os contrários na matéria (quente, frio, seco, húmido; etc.). Há infinitos mundos e todos eles procedem do ápeiron, é a causa eterna incausada. Para ser causa de tudo o que é real e “abraça-lo”, ele tem de ser indefinido, isto é, ilimitado no tempo e no espaço. Parece não passar de uma anedota, tal como aquela outra segundo a qual ele teria caído num poço enquanto contemplava as estrelas; e o comentário duma donzela que estava aí perto teria sido: como é que este homem se concentra a contemplar as estrelas que estão tão longe quando ele tem a beleza ao seu!

Para Anaximandro, discípulo de Tales, o elemento que determina a origem do **universo** é o **Áperion**, isto é, o **Indeterminado, Infinito, Indefinido ou Ilimitado**. Aqui já se percebe uma diferença essencial na **cosmologia**: a origem do Universo não é mais um elemento sensível, material, observável, mas um elemento intelectual. Anaximandro estudou a Biologia e a Astronomia (Mattar, 2010: 42). Foi ele também que apresentou a teoria de que as pessoas tinham evoluído a partir dos peixes. Desenhou um mapa do mundo conhecido e inventou um relógio de sol. (Weate, 1998; 9)

### 2.1.3. Anaxímenes de Mileto (550-480 a.C. / Século VI a.C.).

**Foi discípulo e amigo de Anaximandro. Doutrina.** Para ele o princípio de tudo é o ar. Este é o princípio vital do qual tudo se gera; todas as coisas provêm dele e para o homem. O ar não tem limites. Tudo se explica por condensação e rarefacção, contracção e distinção do ar. Por rarefacção do ar se origina o fogo; por condensação se origina o vento, as nuvens, a água, a pedra. Mesmo os seres orgânicos, incluindo o homem, estão formados de ar mais ou menos condensado.

O elemento que determina a origem do **Universo** para Anaxímenes é o **ar**, ou seja, **pneuma**. As coisas nasceram do ar e a ele retornam quando se corrompem, por diversos processos como a rarefacção e a condensação. O ar seria um princípio ao mesmo tempo **invisível e físico, intelectual e sensível**. O sopro da respiração é identificado com a vida, em seu sentido mais amplo, e o cosmos seria criado e mantido por um movimento de respiração gigante. (Mattar; 2010; 43). Ou seja, à medida que o ar se ia condensando, transformava-se em vento, depois em nuvem, em água, em lama e pedras. O fogo não era mais do que um ar muito leve. Anaxímenes pensava que o ar era a fonte de toda a vida, porque as pessoas tinham que respirar ar para viver e que a alma das pessoas era ar. Assim, as suas ideias sobre o Universo explicavam a realidade espiritual e a realidade material. Dizia: tal como a nossa alma, sendo ar, nos sustenta e nos controla, o mesmo acontece com o vento e o ar que encerram o mundo inteiro. Anaxímenes dizia que os céus se moviam à volta da Terra, como um chapéu sobre a cabeça e achava que a Terra era plana e girava no ar. (Weate, 1998; 9)

## 2.1.4 Pitágoras de Samos (Século VI a.C.)

Este grande pensador ainda hoje continua a ser famoso pelo teorema que tem o seu nome. Na verdade, **Pitágoras era obcecado pelos números**. Achava que a **realidade podia ser explicada pela matemática**. Também descobriu uma relação entre a matemática e a música e apresentou uma teoria sobre a harmonia do Universo. Era reservado em relação ao seu trabalho. Formou uma seita cujos membros seguiam um código rigoroso. Uma das regras era **não comer favas**. Diziam que isso era **canibalismo**, porque as favas descascadas se assemelham a um **embrião humano**. Isto acarretou consequências trágicas. Quando foi perseguido por uma multidão hostil, Pitágoras deteve-se junto a uma plantação de favas. Em vez de esmagar estas **“favas humanas”**, teve uma morte intempestiva. (Ibidem, 1998: 10)

### 2.1.4.1 Os Pitagóricos

O espaço temporal que vai desde a morte de Anaxímenes até à destruição de Mileto pelos persas (cerca do ano 494 a.C.) não contou com nenhum pensador de renome na capital Jónica. Cerca do ano 570, na cidade de Samos, colónia grega do sul da Itália, nasce Pitágoras. Para se livrar do tirano Polícrates, decidiu abandonar a sua cidade e foi viver na Itália, na localidade de Crotona. Aí fundou uma comunidade baseada em certas normas ético-religiosas. Nessa comunidade Pitágoras foi reconhecido e venerado de uma maneira quase divina durante toda a sua vida. A comunidade tinha uma série de tabus, como a abstinência, a proibição de comer certas carnes, o exame de consciência que manifestam uma de purificação que tende à imortalidade bem-aventurada. Pitágoras organizou a cidade em estilo político oligárquico (=governo de poucos e mal seleccionados). Isso não agradou à população, pois nela já se vivia em relativa democracia. Consequência: atraiu a ira do povo e teve de fugir. Andando de cidade em cidade até à morte. A própria escola foi incendiada e muitos pitagóricos foram mortos. Mas a sua influência durou ainda por muitos anos.

**Filosofia de Pitágoras.** O pensamento de Pitágoras está cheio de um ensinamento religioso. Diz que o universo é uma esfera sagrada em cujo centro palpita o fogo eterno divino ou “Pneuma” que anima todas as coisas. Também diz que o homem é dotado de um princípio divino que transmigra de corpo segundo as obras e a justiça retributiva, isto é, para Pitágoras a alma do homem tem origem divina

e por isso é imortal. Depois da morte encarna em corpos de animais terrestres, peixes e pássaros. Depois duma longa peregrinação pode voltar a um corpo humano.

Atribui-se a Pitágoras a filosofia do número segundo a qual todas as coisas seriam constituídas de entidades ou números. Sustenta que o faz com que uma coisa seja o que é são os pontos que constituem como figura geométrica. Daí conclui que o primeiro fundamento de tudo são os números. Compreender a realidade consiste em reduzi-la a quantidades que se medem e que enumeram. Racional é tudo aquilo que é mensurável, calculável; irracional é o que é incomensurável e incalculável. Toda a realidade se reduz a números. Portanto os pitagóricos cultivaram as matemáticas e julgaram ter encontrado nos números o princípio que os filósofos de Mileto haviam atribuído aos elementos naturais. Dizem que mesmo a harmonia musical depende de certas relações numéricas. Para os pitagóricos todas as coisas que se conhecem têm número; sem número não se poderia pensar nem conhecer nada. Os pitagóricos nutriam uma grande paixão pela contemplação e pela investigação.

## 2.1.5 Heraclito de Éfeso (Séculos VI-V a.C.)

**Vida.** De Heráclito sabe-se muito pouco. Nasceu em Éfeso; viveu entre 520 e 460 a.C. É conhecido como o filósofo orgulhoso, solitário e obscuro; despreza tudo e todos. Das obras de Heráclito chegaram até nós 140 fragmentos reunidos num volume com o título Sobre a natureza. Está escrito em estilo difícil e propositadamente obscuro para não ser compreendido pelo vulgo. Só quer que seja lido por aqueles que estão realmente à altura de entender. Por isso é que é conhecido como o “obscuro”. Pôs os seus escritos sobre o altar da deusa Ártemis, protectora da cidade, a fim de se evitar que fossem lidos de modo profano.

**Doutrina.** Apesar de obscuro, Heráclito tem uma visão profundamente unitária da realidade. Diz que se registam na natureza transformações constantes. “Tudo flui” tudo está em movimento e nada dura eternamente. Nada do que existe é igual a si mesmo no momento seguinte. Nada se pode considerar permanente, tanto em nós como no mundo. **“Não é possível banhar-se duas vezes no mesmo rio”**, afirma Heráclito. Isso porque, quando se entra no rio pela segunda vez, tanto a pessoa como o rio está mudado; as águas mudaram e em rigor o rio já não é o mesmo em que se mergulhou antes. Compreender a mudança de todas as coisas significa compreender que a sua realidade apenas se explica mediante o relacionamento dos contrários (vida e morte, dia e noite, fartura e fome, justiça e injustiça). E neste sentido Heráclito diz que o pai de todas as coisas é a guerra porque destrói todas as coisas para transformá-las em outras.

Está-se no fim do século VI a.C. Mileto foi destruída e incendiada. Isso é símbolo trágico da fragilidade universal: afinal o fogo e a guerra têm mais poder dos reis. Por isso é que se costuma dizer que para Heráclito o princípio de todas as coisas é o fogo, enquanto simboliza a destruição. Heráclito diz que há uma rigorosa lei unitária que regula os contrários. A essa lei ele dá o nome de Logos, i, é, razão, que é também alma ou espírito no sentido de força vital, de hálito quente e de fogo. Mas não é Deus. O sábio deve procurar guiar-se pelo Logos, deve elevar-se ao Logos; o não sábio vive numa espécie de sono.

Heráclito foi o primeiro que fez o esboço duma teoria do conhecimento: a doutrina do Logos. Diz que todos os homens têm capacidade de se conhecerem a si mesmos e exercer a sabedoria. Une a sabedoria prática com a especulação válida: a virtude mais alta é exercer a sabedoria; e esta consiste em dizer e praticar as verdades que a natureza nos dita com a sua voz. Para ele a razão só cria



conceitos estáticos, mortos e afastados da realidade e da vida. Era conhecido na Antiguidade como “Obscuro”, pela dificuldade de interpretação de seus escritos. O **FOGO** (Pyr) é o elemento primordial para Heráclito. O fogo possui uma aparência estável e, contudo, muda tudo aquilo que toca. A tensão, o combate entre os opostos, a mudança e a dialéctica são os princípios do Universo (ao contrário, por exemplo, da harmonia pitagórica), enquanto o **logos** ou a **razão** governa o mundo e mantém sua ordem.

A noção de **devir**, de **vir a ser**, é essencial em seu pensamento. Uma das frases atribuídas a ele é **“tudo passa”** ou **“panta rei”**. Um pensamento de Heráclito que sobrevive até hoje é: não se pode banhar duas vezes no mesmo rio, porque tanto o rio como nós estamos em constante mutação, nunca somos os mesmos. O homem é também objecto de sua filosofia, mais do que em qualquer outro pré-socrático, a ponto de podermos considera-lo o primeiro antropólogo, conforme ilustra os seus dois fragmentos: **é difícil lutar contra o coração, pois o que ele quer paga-se com o custo da alma. O tempo é uma criança brincando, jogando: reinado de criança.** (Mattar, 2010: 44)

## 2.1.6 Xenófanés de Cólofon (Séculos VI-V a.C.)

Considerado o **fundador da escola eleática**, Xenófanés escreveu **poemas**, alguns com **conteúdo filosófico**, incluindo reflexões sobre o conhecimento e ataques à religião de **Homero** e **Hesíodo**. Para ele, o princípio de todas as coisas seria **um deus único, eterno e incorpóreo**. (Ibidem, 2010: 44)

## 2.1.7 Parménides de Eleia (Século V a.C.)

Sabe-se muito pouco sobre a vida de Parménides. Terá vivido entre 510 e 450 a.C. A sua filosofia teve tão grande impacto na Antiguidade que Platão o considera "o venerando e terrível" Parménides. Quem "converteu" Parménides para a vida filosófica foi o pitagórico Amínias e não Xenófanés, apesar de este ter sido seu mestre. Tomou parte activa na vida política da sua cidade, Eleia. Aí manteve a ordem com leis tão admiráveis que o governo, todos os anos, fazia os cidadãos jurarem que continuariam fiéis às leis de Parménides.

**Pensamentos de Parménides.** No sexto fragmento do seu poema com o título Sobre a Natureza, Parménides diz: "é necessário dizer e pensar que (somente) o ente é, pois é possível que seja; o não-ente, pelo contrário não é possível; por conseguinte a sua existência é impossível. Parménides sustenta que a única forma de ciência e fonte da verdade é o discurso científico. Só este, refutando toda a credibilidade aos sentidos, é capaz de colher a imutável unidade e unicidade do ser. O próprio Parménides diz que uma deusa foi ao seu encontro para lhe ensinar a distinguir dois caminhos: o caminho da opinião, daqueles que afirmam que o ser não é; e o caminho da "verdade redonda", isto é, da verdade completa e perfeita que afirma a existência do ser. O filósofo não se deve deixar enganar pelos que seguem o primeiro caminho; deve, sim, seguir o segundo com o raciocínio.

**O ser em Parménides.** O conceito de ser exclui o de não-ser porque o não-ser é uma noção vazia, contraditória, insustentável. Não é possível que o ser não seja. Não há meio-termo entre ser e não-ser. Para Parménides o não-ser é algo em que nem sequer devemos pensar. De cada coisa se colhe o que ela é na sua essência; tirando a essência tira-se a própria coisa. Só que excluindo todo o "não-ser", cada coisa

acaba por se reduzir a um só ser, o ser uno, "só ser". Neste sentido o ser é um todo; não tem passado nem futuro, não pode nascer nem morrer. Caso contrário teria nascido do não-ser e havia de se dissolver no não-ser. Um nascer seria a passagem do não-ser ao ser e o parecer seria a passagem do ser ao não-ser (fragmento 8) o ser não só exclui a mudança, como também a divisibilidade porque esta implicaria o conceito de não-ser, pois nesse caso o ser subdividir-se-ia em muitas partes e cada uma "não seria" a outra.

Na impossibilidade de dar algum sentido à noção de "não-ser", deve dizer-se que o ser está completo, acabado, no sentido de que não lhe falta nada. O ser é incriado, pois não pode ter surgido do ser nem do não-ser. Não surgiu do ser porque isso faria supor que antes dele já havia um outro ser. Não surgiu do não-ser porque o não-ser não tem existência real. O ser é imóvel porque se se movesse, mover-se-ia para um lugar diferente de si. Isso insinua a noção contraditória de não-ser. O ser é unidade total, é perfeito, indivisível, imóvel, imutável, idêntico a si e sempre presente a si (Fragmento). Parménides afirma que ser e pensar são uma e mesma coisa, no sentido de que não se pode propriamente pensar a não ser no ser e é o pensamento que atesta a unidade e os caracteres do ser. Por outras palavras, a noção de Parménides sobre o ser só se entende se se tiver em conta que para ele o pensamento vai além do saber ilusório construído pelos "nomes" que os mortais deram às coisas não existam; apenas sustenta que enquanto a opinião sensível. Parménides não quer com isso afirmar que as coisas não existam; apenas sustenta que enquanto a opinião sensível quer nos fazer acreditar que cada coisa existe por si mesma, o pensamento obriga-nos a reconhecer que todas as coisas se reduzem ao ser.

Parménides é conhecido como o descobridor do ser pelo facto de ter sido ele a iniciar o estudo do ser em geral. Antes dele os estudiosos dedicaram-se especialmente em estudar o mundo corpóreo e em procurar a causa de tudo. Afirmava a identidade entre o **ser e o pensamento**. Daí falar-se, em Parménides, de Metafísica ou Ontologia, isto é, a Lógica do ser. **O ser para Parménides é uno, inalterável, eterno, imóvel e indivisível, por isso ele é classificado como monista.** Tudo o que existe sempre existiu, e nada pode se transformar em algo diferente de si mesmo. Pois, o ser é e o não ser não é. O ser não pode vir a ser porque já é; o não ser não pode vir a ser porque não é. Ou seja, do nada não se tira nada "ex nihilo nic". **A mudança e a diversidade seriam apenas ilusões dos sentidos.** Parménides opõe decisivamente a razão e a verdade (alétheia) à percepção e à opinião (dóxa). Parménides é

considerado o principal representante da **Filosofia do Ser**, que se opõe à Filosofia do devir de Heráclito. (Ibidem, 2010: 44).

## 2.1.8 Zenão de Eleia (Século V a.C.)

Nasceu em Eleia por volta do ano 500 a.C. Pouco se sabe da sua vida. Tal como Parménides, também Zenão exerceu actividades políticas, tendo-se manifestado contra os tiranos da sua terra. Defendeu energicamente as teses do mestre contra os seus adversários, sobretudo os que se opunham à unidade e a imutabilidade do ser. O seu método característico era reduzir ao absurdo as hipóteses dos adversários. Argumentava com tanta perícia que as mesmas coisas pareciam aos seus auditores simultaneamente iguais e desiguais, unas e múltiplas; em repouso e em movimento. Por isso Aristóteles diz que Zenão é o descobridor da dialéctica.

**Doutrina.** Zenão diz que admitindo a multiplicidade de coisas deve-se também admitir que cada uma dessas coisas tem uma sua grandeza e é divisível em infinitos pontos. Admitir a multiplicidade é admitir que cada ente é ao mesmo tempo pequeno e grande: grande até ao infinito e pequeno até anular-se. Se existe uma multiplicidade, ela deverá estar constituída por partes. Estas partes ou são unidades que não se podem dividir mais ou estão formadas por outras partes constituídas por unidades que já não são divisíveis, são infinitas em número e infinitamente pequenas. Portanto toda a multiplicidade consiste em múltiplas unidades infinitamente pequenas e invisíveis. Cada uma dessas unidades indivisíveis é "nada". Ainda que se juntem muitos nadas, darão sempre o nada. O múltiplo é portanto pequeno até a nulificação.

No entanto ao mesmo tempo é infinitamente grande. Com efeito, cada uma das infinitas partes da multiplicidade deve possuir uma determinada magnitude, um determinado volume e conservar uma determinada distância das outras. O múltiplo tem infinitas partes, porque antes de qualquer parte, há sempre outra, uma série infinita de partes, em que cada uma tem uma determinada magnitude, dá lugar a uma magnitude infinita. Logo, o múltiplo é infinitamente grande. Uma vez que a mesma coisa não pode ser ao mesmo tempo infinitamente pequena e infinitamente grande, o resultado é que o múltiplo não existe. Zenão argumentou também contra o movimento. Diz que não há movimento. Eis os seus argumentos:

**O estádio ou dicotomia.** O movimento nunca começa porque é preciso que o móvel chegue ao meio do seu percurso antes de atingir o fim. Por seu turno deverá atingir o meio antes de atingir o meio e assim até ao infinito. O espaço é infinitamente divisível e qualquer distância finita contém um número infinito de pontos. Por isso é

impossível alcançar o fim de uma série infinita num tempo finito. Para o A atingir o B deverá atingir o C, que está entre A e B; para atingir o C deverá atingir o D e assim por diante. Desta forma o movimento nunca mais começa. **Aquiles e a Tartaruga.** Se se admitir que o movimento tenha começado, ele não pode prosseguir. O mais lento nunca será apanhado pelo mais rápido. A tartaruga nunca será encontrada por Aquiles, o melhor corredor da Ática. Isto porque quando Aquiles chega ao ponto A, a tartaruga está no ponto A' e assim por diante. Além disso, Aquiles não pode mover-se porque teria que passar por infinitos pontos para alcançar o seu fim e como o infinito não pode ser atravessado num tempo determinado (como se viu no 1º argumento); Aquiles não pode mover-se. Logo, o movimento é impossível. O movimento é racionalmente contraditório.

**A seta voadora.** Uma seta lançada parece mover-se, mas está em determinado momento, ocupando um espaço igual a ela mesma. Segundo Zenão, um objecto está em repouso quando ocupa um espaço igual às suas próprias dimensões. Uma seta atirada ocupa em momento dado, um espaço igual às suas próprias dimensões. Consequentemente uma seta em voo está em repouso, o móvel está em repouso. **As fileiras em movimento.** Este argumento é o menos claro. Diz respeito a três filas de corpos. Uma é imóvel. Cada uma das duas fileiras móveis é constituída por igual número de corpos do mesmo tamanho e vai passando pela outra numa pista de corridas e avançam com igual velocidade em direcções opostas. Uma das fileiras ocupa inicialmente o espaço entre a meta e o ponto médio da pista; outra, o espaço entre o ponto médio e a posição de partida. As duas fileiras percorrem o mesmo espaço no mesmo tempo. Logo, passam uma pela outra no mesmo tempo. No entanto, nesse determinado tempo, as duas fileiras percorrem não só o espaço ocupado pela fileira fixa, como também o seu dobro. Logo, percorrem o espaço ocupado pela fileira fixa em metade do tempo. Isto significa que metade do tempo é igual ao dobro desse mesmo tempo.

Portanto Zenão quer demonstrar que é absurdo dizer que há movimento. Admitindo-se o movimento, cai-se no ridículo de aceitar que metade do tempo é igual ao seu dobro. Uma vez que isso é impossível, o movimento não existe. " Diz-se que enquanto Zenão expunha as suas teorias sobre a impossibilidade do movimento, um outro filósofo, chamado Diógenes, levantou-se e começou a andar perante os presentes para dizer que andando se mostra o movimento. Mas Zenão replicaria que isso é mostrar o movimento e não demonstrá-lo. A experiência sensível engana-nos; devemos confiar na inteligência". **Zenão de Eleia**, discípulo de Parménides, defende também o monismo e o imobilismo do ser. É conhecido por

seus paradoxos, discutidos até hoje, que defendem as teses de Parménides e criticam o pluralismo. Por exemplo, o **paradoxo do estádio** demonstra que é impossível atravessar um estádio, porque primeiro você precisa de chegar à metade do percurso, depois você precisa chegar à metade do percurso que resta e, assim sucessivamente, ao infinito, nunca alcançando o ponto final. Segundo Zenão, tanto as **noções de pluralismo quanto de movimento seriam contraditórias, portanto impossíveis**, o que justificaria a unidade do ser. (Ibidem, 2010: 45).

## 2.1.9 Melisso de Samos

No ano 441 a.C., foi almirante da frota da sua cidade contra Péricles. Foi político muito considerado pelos seus concidadãos. **Doutrina**, Melisso sustenta que o ser é uno e infinito, imóvel, sempre igual, eterno. Não se pode admitir que haja mais seres porque nesse caso um limitaria o outro e nenhum teria as características de infinidade, eternidade, etc., próprias do ser. O múltiplo e as mudanças é o que nos parece ser; realmente o ser verdadeiro não muda, não se altera. Foi, é e sempre será, sem princípio nem fim, mas infinito. “Se tivesse nascido seria necessário que antes de nascer não fosse nada; mas se não era nada, do nada não nasceria nada”. Isto não exclui a multiplicidade, mas leva a afirmar que cada coisa é só enquanto se reconduz à infinita unidade do ser. Os sentidos não nos garantem o conhecimento da verdadeira realidade. A multiplicidade é uma ilusão; as várias coisas que vemos não nos aparecem em modo recto; se fossem realmente verdadeiras não mudariam. O vazio é absolutamente estranho ao ser. Este enche o espaço.

### 2.1.10 Pensadores pós-Parménides.

#### 2.1.10.1 Empédocles de Agrigento (Século V a.C.)

Nasceu em Agrigento, na Sicília, por volta do ano 483 a.C. É uma das figuras mais notáveis do século V. Participou activamente na vida política da sua cidade. Esta vivia em democracia naquela altura. Recusou o trono “ para melhor viver em democracia com o povo”. Opôs-se tenazmente aos intentos dos que queriam impor a tirania na cidade. Por causa dos seus conhecimentos, ganhou um lugar de prestígio entre os seus concidadãos, que viam nele o mestre, o guia, o médico, o filósofo. Viajava vestido de púrpura, suscitando entusiasmo e admiração por parte da população. Morreu por volta do século V a.C., atirando-se na cratera de Etna para fazer crer que tinha ido juntar-se aos deuses porque não era um homem qualquer, era um deus.

**Doutrina.** No que diz respeito à sua doutrina filosófica, Empédocles trata da causa última das coisas. Diz que a realidade é constituída por quatro elementos: o fogo, o ar, a água e a terra. Estes elementos em conjunto constituem a raiz de tudo. Diz que o ser é imutável porque se assim não fosse, o mundo já não existiria. Há dois princípios que originam o movimento: o Amor e o Ódio. O Ódio é o princípio que separa; O Amor é o princípio que une. Estes princípios



são a causa de todo o suceder-se no mundo e estão em luta constante, num eterno vencer e ser vencido. Na altura entre o Ódio e Amor os elementos separados pelo Ódio são reunidos pelo Amor, formando as diversas espécies que há no mundo. No que diz respeito ao conhecimento, Empédocles diz que “o semelhante é conhecido pelo semelhante”: vemos a terra (que está em nós); a água com a água; com o ar vemos o ar e com o fogo, fogo. A alma humana pode conhecer diversas coisas porque é formada por todos os elementos fundamentais que compõem os corpos. Empédocles seguia, pois, uma linha materialista, embora um materialismo ainda ingénuo. Diz que o conhecimento humano é bastante limitado. Se ele próprio sabe muitas coisas, é graças às revelações que recebeu das Musas. Portanto supera a sua gnosiologia materialista com o seu misticismo, fazendo ver além dos sentidos a luz misteriosa do divino, isto é, o homem aspira ao divino e nesta terra tudo quanto ele faz deve preparar o grande regresso.

Empédocles, oriundo da Sicília, é considerado **pluralista**, pois para ele a origem do Universo seria determinada por **quatro elementos ou raízes: água, ar, terra e fogo**. As transformações da natureza seriam, na verdade, movimentos de combinação e separação entre esses elementos. Além dos elementos naturais, existiriam também forças naturais. **O amor (philia) e o ódio (neikos) seriam as forças responsáveis pelos processos de união e separação entre as raízes**. O amor aproxima as coisas e o ódio afasta-as. Esta ideia explicava como as coisas podem mudar e, ao mesmo tempo, como o Mundo permanece o mesmo. A máxima de Lavoisier: “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, tem origem clara em Empédocles (Ibidem, 2010: 45). A sua teoria sobre a evolução defendia que apenas os fortes sobreviviam. Infelizmente, ele não sobreviveu a um salto para dentro do vulcão no monte Etna. Atirou-se para dentro de um vulcão para provar que era um deus e morreu queimado. (Weate, 1998: 11)

## 2.1.10.1.2 Anaxágoras de Clazómenas (Século VI-V a.C.)

**A vida.** Como sempre, a primeira grande dificuldade no estudo dos filósofos antigos está na determinação das suas datas exactas. A data provável do nascimento de Anaxágoras situa-se por volta do ano 500 a.C. e a sua morte terá sido por volta do ano 428 a.C. É descendente de família nobre e rica. “Por amor à ciência renunciou à herança paterna”. “Eu nasci para a contemplação do sol, da lua e do Céu”, dizia Anaxágoras. Acusado de pouco patriotismo, dizia: A minha pátria é o céu. Por volta do ano 462 deixa Clazómenas e vai instalar-se em Atenas, onde viveu durante trinta anos dedicando-se à investigação. Entrou em contacto com Eurípides e Péricles, grandes sábios da cidade. Desta forma, com Anaxágoras, a filosofia das colónias de Jónia chega a Atenas. Apresentou teorias astronómicas que na época eram extraordinariamente revolucionárias. Dizia que os astros eram pedras; o sol é uma aquecida até ficar roxo-branco. Esta hipótese chocava contra a mentalidade mitológica e supersticiosa do sempre. Ao dizer que o sol e a lua não são divindades, dessacraliza a natureza, isto é, dá uma explicação natural à natureza. Por isso foi acusado de impiedade e metido na prisão. Péricles interveio para que não fosse condenado à morte. Por volta do ano 431, Anaxágoras foi para o exílio em Lâmpsaco, onde morreu.

**Doutrinas Principais de Anaxágoras.** Anaxágoras, acaba com a velha doutrina dos quatro elementos. Diz que a água, o ar, a terra e o fogo não fazem parte da matéria originária. Esta é, portanto, anterior a esses elementos. Desta forma, a matéria é constituída de partículas materiais, infinitas, tendo cada uma, propriedades próprias. Anaxágoras, na linha de Demócrito, sustenta que o ser é constituído de átomos, mas esses átomos não são qualitativamente iguais, como dizia Demócrito. São corpúsculos qualitativamente diversos, chamados “homeomerias”. Só assim se explica a variedade de seres. O termo homeomeria significa parte qualitativamente semelhante. As homeomerias são infinitas e constituem uma infinita variedade de seres. Cada corpo se compõe de homeomerias de vária ordem. Por isso **todas as coisas estão em todas as coisas**, diz Anaxágoras. Em todas as coisas há uma porção de todas as coisas, excepto o espírito; e há algumas coisas em que também existe Espírito.

Como é possível que do pão que comemos se formem ossos, carne, tendões, veias, cabelos? Como é que do não cabelo se forma o cabelo e do que é carne se forma carne? Anaxágoras diz que só uma resposta é possível: **o semelhante nutre o semelhante**. Isto

significa que em tudo há mistura de tudo. Há um número infinito de partículas invisíveis que não podemos perceber por causa da debilidade dos nossos sentidos. Conclusão: **tudo está em tudo**. Cada coisa contém algo de todas as matérias. Cada coisa tem o seu elemento dominante e tem também elementos de todas as outras coisas. Um grão de trigo, por exemplo, tem elementos que vão alimentar a carne, o cabelo, os ossos, o sangue... A mudança é possível porque cada corpo tem elementos de outros corpos. No universo nada se cria e nada se destrói; nada nasce e nada morre, mas tudo se une e se separa a partir das coisas que existem. Por isso o nascer deve receber o nome de composição e o morrer, de matéria o de dissolução.

No que diz respeito ao movimento no universo, Anaxágoras diz que a uma Mente Suprema (Nous) da qual depende a harmonia e a ordem das coisas. A mente Suprema: é realmente a grande descoberta de Anaxágoras, com efeito, Demócrito atribuía o movimento e a formação das coisas a uma força cega; Empédocles a duas forças ocultas (**o Ódio e o amor**). Mas Anaxágoras diz que **o princípio ordenador das coisas é a mente**. Esta é uma realidade de ordem superior, infinita e independente dos corpos, embora constituída de matéria subtilíssima. Aristóteles diz que Anaxágoras ao ensinar que a Mente é causa da ordem e da disposição do universo, apresenta-se como o único homem sensato entre tantos embriagados seus predecessores. De facto, com o Nous, Anaxágoras, como homem de experiências e investigações, recorre ao intelecto e não a explicações mitológicas; ultrapassa também a insuficiência da explicação naturalística e abre novos horizontes para o pensamento grego. A substância, para Anaxágoras, seria divisível ao infinito. Também pluralista, afirmava que vários elementos são responsáveis pela origem do Universo, utilizando a ideia de partículas minúsculas e invisíveis, as "sementes" ou do grego (spérmatas). O NOUS, isto é, razão, espírito ou inteligência, regeria a combinação entre esses elementos. O NOUS seria ilimitado, eterno, governaria a si próprio e a nada se misturaria. Arquelaus, discípulo de Anaxágoras, foi também mestre de Sócrates e é considerado o primeiro filósofo de origem ateniense. Entretanto, nenhum fragmento de suas obras sobreviveu. (Mattar, 2010: 45)

## 2.2 Segundo Período: Os Tomistas

O pensamento Jónico-Itálico ultrapassou uma profunda crise antes de Sócrates: a metafísica eleática degenerou-se em física e a democracia que Péricles instaurou em Atenas, resultou numa crise cultural, originando-se o movimento sofístico.

### 2.2.1. Demócrito de Abdera

Nasceu em Abdera cerca do ano 460 a.C., tendo vivido até 370. Diz-se que viajou muito e que escreveu muitíssimo, especialmente sobre astronomia, geometria, filologia, aritmética, ética e medicina. Na Itália teve contacto com os pitagóricos. **Doutrina.** Enquanto Parménides dizia: o ser é e o não-ser é, Demócrito diz que existe tanto o ser como o não-ser. Para Demócrito a realidade é impensável enquanto extensão não representada corporeamente. Uma vez que a realidade enquanto extensão (corporeidade) é divisível, tem de se admitir uma infinita série de pontos não anteriormente divisíveis: **os átomos**. Estes estão colocados num espaço vazio, no vácuo. Portanto os elementos da realidade são os átomos e o vazio. Movendo-se, os átomos ligam-se e desligam-se, constituindo os aspectos da realidade. As qualidades dos objectos (cor, cheiro, sabor, etc.) não pertencem aos átomos; nascem da acção dos átomos sobre os órgãos dos sentidos; existem só no sujeito que as sente; mudam de sujeito para sujeito: **são opinião. "A verdade são os átomos e o vazio"**. Dos átomos em perpétuo movimento no vazio nascem os infinitos mundos e cada uma das realidades. Onde vem o movimento dos átomos? Demócrito exclui o problema do início do movimento dos átomos porque estes nunca estiveram parados, não recebem movimento do interior. Estão em eterno movimento no vazio. O homem, como qualquer outra realidade, é um conjunto de átomos.

Demócrito distingue duas formas essenciais do movimento: o conhecimento que nos chega através dos sentidos e o que nos chega através da razão. O primeiro é inautêntico e obscuro; o segundo é autêntico. Demócrito traçou uma história do progresso da sociedade humana. Diz que os homens antes viviam isolados; o temor pelas feras fez com que se organizassem em sociedade. Aqui viram-se na necessidade de arranjar palavras para indicarem os vários objectos. Uma vez que se constituíram várias sociedades em lugares diferentes, nasceram também diferentes línguas. Com a linguagem e a vida em sociedade, os homens descobriram as artes para melhorarem as suas

condições, e as estruturas políticas para melhor servir o bem comum. Assim se vai delineando a história da humanidade, e tudo isto, graças ao homem. Não há lugar para doutrinas religiosas. Estas nasceram do terror e da ignorância dos primeiros homens diante de fenómenos naturais cujas causas desconheciam. As práticas religiosas são, portanto, inúteis. O único patrão do mundo é o homem e deve confiar só nas suas próprias forças.

No que diz respeito à ética, Demócrito diz que a meta da nossa vida é o bem-estar, pois depois da morte não há vida nenhuma. A felicidade nasce da medida do prazer, da repressão dos desejos desenfreados e dos excessos porque prejudicam o corpo e a alma. Um sábio deve estar sempre acima das paixões, o sábio ama o bem por si. Abstém-se do mal, não por medo mas por dever. Portanto o sábio procura manter a sua alma longe das perturbações exteriores e interiores. Não tem nada que se ocupar em muitas coisas, nem projectar nada que esteja acima das forças: muito menos deve constituir família, pois os filhos são causa de intranquilidade, de cuidados e imensas preocupações. É preciso levar uma vida justa e honesta que se atinja a felicidade. A condição mais conveniente para **o homem é a tranquilidade da alma**, isto é, aquele estado em que a alma é calma e equilibrada, não perturbada por nenhuma espécie de medo nem por algum supersticioso temor dos deuses ou qualquer outra paixão. Por causa da sua procura do sereno equilíbrio que se adquire mediante a moderação na meditação filosófica, **Demócrito é chamado o “filósofo sorridente”**. Pelas suas teses e pelas explicações que deu acerca da causa da realidade, reduzindo-a a átomos materiais, **Demócrito é conhecido como o pai do materialismo**.

### 2.2.1.1. Leucipo de Demócrito de Abdera (Século V a.C.)

Leucipo e Demócrito são considerados **atomistas**, pois admitem os **átomos**, isto é, partículas indivisíveis e invisíveis, como os elementos primordiais do **Universo**. Os átomos estariam em constante movimento, entrando em **colisão**, às vezes se **unindo**, às vezes se **separando**. O funcionamento do Universo seria puramente mecânico, sem qualquer força influenciando sobre os átomos. Por isso, esses filósofos são chamados de materialistas. (Ibidem, 2010: 46) As **Técnicas**, as **Artes**, a **Ética**, a **Política** e a **Teoria do Conhecimento** também foram preocupações dos atomistas.

### 2.2.2 Período Antropológico ou Socrático (Séculos V-IV a.C.)

Os filósofos deste período, a começar com os **sofistas**, criaram uma **nova** temática para a filosofia: o **HOMEM**. A Filosofia muda de espaço geográfico, das colónias jónicas para o centro cultural da Grécia (Atenas) e, esta mudança acarreta também a variação do objecto de pesquisa: da **NATUREZA** para o **HOMEM** (cidadão). O Período Antropológico, com os **Sofistas e Sócrates**, coincide com o apogeu da **DEMOCRACIA** na "Polis" grega, em Atenas. Entre os sofistas destacam-se: Protágoras de Abdera (485-410 a.C.), Górgias de Leontinos (487-380), Hípias, Pródico.

Com o desenvolvimento do comércio, do artesanato e das cidades, no **século V a. C.**, Atenas tornou-se o centro de maior florescimento da **DEMOCRACIA**. A democracia ateniense possuía duas características de grande importância: Em primeiro lugar, afirmava a **igualdade** de todos os homens adultos perante a **lei** e o **direito** de todos de participar **directamente** do **governo** da **cidade**, ou seja, da "polis". Em segundo lugar, a **DEMOCRACIA** garantia a **todos** a participação no governo e, os que dele participavam tinham o **direito** de **expressar**, **discutir** e **defender** em **público** suas **opiniões** sobre as **decisões** que a **cidade** deveria tomar: surgia, assim a figura política do **CIDADÃO**. É necessário perceber que estavam **excluídos da cidadania** aqueles que os gregos chamavam de **dependentes**: mulheres, escravos, crianças e velhos, incluindo os estrangeiros.

Ora, para conseguir que a sua **opinião fosse aceite nas assembleias**, o cidadão precisava de saber falar e ser capaz de persuadir os demais. Com isso, uma mudança profunda ocorreu na EDUCAÇÃO grega. Antes da instituição da DEMOCRACIA, as cidades eram dominadas pelas famílias aristocráticas, senhores das terras e do poder militar. Essas famílias, criaram um PADRÃO de EDUCAÇÃO, próprio dos ARISTOCRATAS. Esse padrão afirmava que o homem ideal ou perfeito era o GUERREIRO (FORTE), BELO e BOM: BELO: o seu corpo era formado pela ginástica, pela dança e pelos jogos de guerra, imitando os heróis da guerra de Troia (Aquiles, Heitor, Ajax, Ulisses). BOM: o seu espírito era formado escutando (Homero, Píndaro e Hesíodo), aprendendo com eles as virtudes admiradas pelos deuses e praticadas pelos heróis, sendo a principal delas a **coragem** diante da morte na guerra.

Quando a economia agrária foi sendo suplantada pelo artesanato e pelo comércio, surgiu em Atenas uma classe social urbana rica que desejava exercer o poder político até então dominado pela classe aristocrática. É para responder aos anseios dessa nova classe social que a DEMOCRACIA é instituída. Com ela, o poder vai ser retirado dos aristocratas e passado para os cidadãos. Dessa maneira, o antigo ideal educativo ou pedagógico também foi substituído por outro. O ideal da educação já não é a formação do jovem guerreiro, belo e bom, forte e corajoso, mas sim a formação do BOM CIDADÃO. Qual é o momento em que o cidadão mais aparece e mais exerce a sua cidadania? Quando opina, discute, delibera ou decide e vota nas assembleias. Assim, a nova educação estabelece como padrão ideal: a formação do BOM ORADOR, isto é, aquele que saiba falar em público e persuadir os outros na política.

Os **sofistas** surgem nesse cenário em que a arte da argumentação torna-se essencial. MESTRES DA ORATÓRIA, eles ensinavam a desenvolver argumentos a favor e contra uma mesma posição. Viajavam por toda a Grécia, fazendo CONFERÊNCIAS e fundando uma forma de ENSINO ITINERANTE E REMUNERADO. São os primeiros professores de que temos notícia na história e prezavam a erudição. Essa nova forma de educação que se inicia com os sofistas, deveria acompanhar o homem desde a infância até a vida adulta. A dialéctica, a poética, a linguagem, a retórica, a eloquência e a gramática, ocupavam lugar de destaque com os sofistas. (Mattar, 2010: 46)

Os sofistas diziam que os ensinamentos dos filósofos cosmologistas estavam repletos de erros e que não tinham utilidade para a vida da "polis". Apresentavam-se como mestres da retórica, da eloquência, afirmando ser possível ensinar aos jovens a arte de

persuadir, de convencer e de falar em público, para serem bons cidadãos. Os sofistas ensinavam aos jovens as técnicas de persuadir, aprendendo a defender as suas posições, de modo que, numa assembleia, soubessem ter fortes argumentos a favor ou contra uma opinião e ganhassem a discussão. Os sofistas de tanto cobrar pelos seus ensinamentos, caíram no **subjectivismo** radical, chegando mesmo a negar a própria **objectividade** da realidade. Tornaram-se extremamente **cépticos** e **individualistas**, perdendo o seu **carácter inovador**. Pois diziam, na pessoa de Protágoras, seu pai, que “**o homem é a medida de todas as coisas**”.



### 2.2.3. O Movimento Sofista

Os sofistas colocam-se entre os anos 450 e 380 a.C. Geralmente não são atenienses. Não se pode propriamente falar dum sistema ou escola sofística porque os sofistas não só não deixaram discípulos, como cada um ensinava as suas próprias doutrinas. Por isso é preferível falar-se do "movimento sofista". A palavra **sofista**, inicialmente, no grego antigo, significava sábio, alguém que sabe que possui singulares conhecimentos e capacidades em geral e que possuindo tal saber, é capaz de comunicá-lo. É em Atenas onde a palavra sofista ganhou uma conotação pejorativa. Com efeito, os sofistas passaram a interessar-se pela arte de persuadir e não pela investigação da verdade. Andavam de cidade em cidade a ensinar "**o saber útil à vida civil**", pedindo, em compensação, um preço geralmente elevado. Por isso o seu alvo preferencial eram os ricos.

Está-se no fim das guerras persas e, para a actividade política na Grécia, se requeria uma cultura geral elevada e uma eloquência comprovada, porque nas assembleias era necessário tratar de toda a gama de assuntos: guerra, paz, comércio, direito, religião, governo, etc. Precisava duma Grécia politicamente forte. A educação que se dava até aí não estava à altura de responder a essas exigências.

Os sofistas acharam-se à altura de assumir tal responsabilidade. Começaram a instruir os filhos dos aristocratas, ensinando-lhes gramática, literatura, filosofia, religião e, sobretudo retórica. Ensinam-lhes a terem habilidade em falar, escrever e convencer, porque, segundo eles, é isso que interessa a um político. Além desta razão de ordem política, há também uma razão de ordem filosófica que contribuiu igualmente para o aparecimento da sofística: o esforço metafísico dos filósofos anteriores não dera os resultados esperados. Os que procuravam encontrar a primeira causa das coisas chegaram a conclusões diferentes e por vezes contraditórias. Desta forma, os estudiosos acharam inútil insistir no estudo da metafísica; preferiram estudar o homem e as suas capacidades cognitivas. A sofística surge como uma nova linha de estudo: a capacidade humana cognoscitiva na vertente essencialmente humanística e gnosiológica. Por causa das suas ideias inovadoras, os sofistas tiveram muita aceitação, sobretudo junto dos jovens. Mas por outro lado, eles foram combatidos por aqueles que não queriam a mudança, chegando a condenar a sofística por ateísmo e corrupção da juventude.

**Ensinaamentos dos sofistas.** O interesse dos sofistas não tanto na investigação da verdade, mas em poder demonstrar qualquer tese,

cativando o público. Tinham grande habilidade em falar e discutir. Não tinham escrúpulos em enganar, se fosse preciso. Diante da propriedade e contraditoriedade de soluções encontradas pelos filósofos anteriores no que diz respeito aos problemas da natureza última das coisas do seu princípio, do significado e sentido da vida humana, e da origem e valor da lei moral, os sofistas chegaram à conclusão de que o homem não pode conhecer a natureza nem a lei moral absoluta porque estão acima da sua capacidade cognoscitiva. Tudo aquilo que o homem conhece em filosofia ou ética não passa de uma fabricação sua pessoal. Daí o famoso dito dos sofistas: **“o homem é a medida de todas as coisas”**.

Por outras palavras: **o conhecimento é algo subjectivo**; algo que se passa na mente do homem e lhe permite criá-lo e apresentá-lo como melhor lhe convém. É questão de habilidade. Daí é fácil adivinhar a consequência: não é possível um conhecimento verdadeiro; o conhecimento só pode ser provável, relativo e varia de pessoa para pessoa; o seu valor é pragmático na medida em que serve para a solução dos problemas concretos da existência. Não há lei moral absoluta; mas só leis convencionais. **A única meta para o homem é o prazer. Os grandes nomes da Sofística** são quatro a realçar: Protágoras, Górgias, Pródico e Hípias.

### 2.2.3.1 Protágoras de Abdera

Talvez tenha nascido por volta de 465 ou 481 a.C., em Abdera, tendo vivido até cerca do ano 411. É o mais importante de todos os sofistas. Escreveu muitas obras, mas poucos fragmentos chegaram até aos nossos dias. Depois de ter sido acusado de impiedade, os seus escritos foram recolhidos por decisão popular e queimados no mercado e ele próprio teve de fugir para não ser condenado. Na viagem de fuga para a Silícia morreu afogado. **Protágoras diz que não podemos dizer como são as coisas, mas apenas como nos parecem a cada um de modo diferente.** Como consequência deste subjectivismo gnosiológico, aparece o cepticismo total diante de qualquer conhecimento. Sustenta que é possível fazerem-se dois discursos totalmente contraditórios sobre o mesmo tema. Para ele, **sábio é aquele que pode fazer parecer e converter em bom algo que se apresentava ou era realmente mau.** O sábio, pela dialéctica, faz parecer aos homens, o pequeno como grande ou vice-versa; interpreta as coisas a seu modo e a seu favor. Como se vê a sua intenção é ganhar razão a qualquer preço; não se interessa pela verdade. Naturalmente esta doutrina leva Protágoras a dizer que a moral é convencional, mas não arbitrária. Cada um deve obedecer à lei moral dada pela constituição da sua cidade.

### 2.2.3.2. Górgias de Lentini

Nasceu em Lentini, na Silícia por volta do ano 484 a.C. e morreu cerca do ano 375. Na sua filosofia, Górgias defende três teses: Nada existe; Ainda que alguma coisa existisse, não seria cognoscível; Se existisse e fosse cognoscível, não seria comunicável. Para explicitar este pensamento, dirá: O ser não existe, porque ou foi gerado ou não foi gerado. Se não foi gerado, é eterno e infinito. Ora o infinito não cabe em sítio nenhum. E se não está em sítio nenhum não existe. Se foi gerado é preciso encontrar a sua origem; nesse caso, cada ser terá quem gerou e nunca se chegará ao ser. Uma coisa é o pensar e outra é o ser. É possível conceber coisas que não existem. Por isso o pensamento é diferente do ser. Ainda que se admita a existência deste, não será possível traduzi-lo em pensamento.

A palavra dita é diferente da coisa significada. Desta forma, se a realidade fosse admissível, não poderia traduzir-se em palavras e comunicar-se aos outros. De tudo isto, Górgias chega à conclusão de

que não pode haver um conhecimento seguro das coisas. O nosso mundo é um mundo da ilusão e da opinião; age-se sobre ele fazendo-o e ordenando-o mediante a palavra e a arte da palavra, isto é, a retórica. Esta é fundamental na formação dos homens. A palavra tem um grande poder. Por isso é preciso saber usá-la. Por meio dela pode-se despertar no homem todo o tipo de convicções e sentimentos pode-se a cólera, a compaixão, etc. O importante é saber escolher o momento certo para persuadir ou enganar. Górgias considera o discurso como a capacidade de modificar o relacionamento humano; é a palavra que dirá de cada vez o que é a virtude, independentemente daquilo que é a virtude em si. Portanto a ele não interessa o que é a virtude em si. Se alguém lhe perguntasse: o que é a virtude? Ele responderia: a virtude de quem? Da criança ou do velho? Do homem ou da mulher?

### **2.2.3.3 Pródico de Ceos**

Nasceu na ilha de Ceos, provavelmente em 470 ou a.C. foi a Atenas como embaixador, aí tornou-se discípulo de Protágoras; teve muito sucesso como orador político e pelas lições que deu aos jovens burgueses e nobres, tendo ganho de grandes somas.

Na sua obra mais importante intitulada Horai (As horas, as estações), exalta o valor moral das decisões e responsabilidades de cada um. O homem constrói o próprio mundo com o seu trabalho; ordena e transforma a linguagem, analisando os termos, tanto na sua etimologia como no significado de cada um deles (sinonímia). Exalta a virtude e diz que ela é ensinável.

### **2.2.3.4 Hípias de Élis**

Nasceu em Élis (Elide) cerca do ano 443 a.C., tendo vivido até cerca de 343. Homem brilhante e de grande cultura, conhecido como um homem enciclopédico tinha uma memória tão prodigiosa que era capaz de repetir por ordem 50 nomes que ouvisse de outros; viajou muito, tanto para dar conferências como para fins políticos. Teve contacto com as maiores personalidades do seu tempo. Escreveu muito, sobretudo acerca da política, filosofia, retórica e literatura. Também se dedicou à astronomia, aritmética e geometria. Em política ensinou um ideal democrático; opôs-se tenazmente à tirania.

## 2.3. Terceiro Período: A Metafísica Ateniense

### 2.3.1 Sócrates (469-399 a.C.)

**A vida.** Sócrates nasceu em Atenas no ano 469 a.C. seus pais chamavam-se Sofronisco e Fenarete, ele escultor e ela parteira. Cresceu forte e robusto, embora nada tivesse de beleza física. Tinha grande resistência física no trabalho e no sofrimento. Andava descalço tanto no inverno como no verão e sua roupa era a mesma para todas as estações do ano. Intelectualmente era dotado. A sua primeira educação era aquela que se dava aos filhos da classe média. Foi cidadão cumpridor dos seus deveres, bom soldado, bom pai de família. Não se afastou de Atenas, a não ser por três vezes para cumprir os seus deveres militares.

Em 400, Sócrates foi acusado de não crer nas actividades oficiais do estado e de introduzir divindades novas; também foi acusado de corromper a juventude com as suas ideias. Por isso foi condenado à morte. Durante o processo, Sócrates teve a possibilidade de pedir o exílio mas não o fez; podia comprometer-se a não filosofar mais; podia livrar-se da pena capital, pagando uma soma em dinheiro; mas ele mostrou-se tão desinteressado que sugeriu uma quantia que irritou profundamente os juízes. Confirmada a pena de morte, os amigos dispuseram-se a organizar a sua fuga do cárcere. Mas Sócrates recusou-se a fugir, preferindo manter a sua dignidade "porque um cidadão justo deve cumprir sempre as leis do seu estado", mesmo quando são injustamente aplicadas, de contrário já não seria homem. No dia marcado deram-lhe a beber uma taça de cicuta e morreu. Está-se no ano 399 a.C.

Sócrates e os sofistas. **Sócrates foi contemporâneo e o adversário mais enérgico dos sofistas. Enquanto os sofistas têm em vista o sucesso e ensinam como consegui-lo, Sócrates tem como objectivo único a verdade e ensina aos seus discípulos como descobri-la. Os sofistas fazem carreira para atingirem o sucesso e ganharem fortunas. Sócrates diz que: para atingir a verdade é necessário afastar-se das riquezas, honras, prazeres e conhecer-se a si mesmo e reconhecer a própria ignorância. Sócrates excluía-se do número dos sofistas "porque não cobrava para ensinar"; falava livre, espontânea e gratuitamente. Os sofistas achavam-se conhecedores de tudo e aptos a serem mestres de todos; Sócrates, pelo contrário, convenceu-se de que ninguém pode ser mestre dos outros. Ele não é mestre, mas alguém que ajuda os seus discípulos, mas**

**conversa, discute, guia as suas discussões, encaminha-os para a descoberta da verdade.**

**Os sofistas sustentam que aprender é coisa muito fácil.** Por isso com algum dinheiro garantem aos discípulos a aprendizagem da oratória e da arte do governo. **Sócrates diz que aprender não é fácil;** o conhecimento de verdade atinge-se progressivamente, clarificando as próprias ideias e definido cada vez com maior precisão as questões. Para os sofistas todo o conhecimento e toda a lei moral têm um valor relativo e subjectivo. Para Sócrates há valores absolutos, tanto na ordem gnosiológica como na ordem metafísica e ética; há princípios absolutos, leis morais imutáveis e iguais para todos. A vida humana deve ser vivida em obediência a tais valores éticos e metafísicos, ainda que isso exija sacrifícios.

**Ensinamentos de Sócrates.** A primeira complicação neste aspecto é o facto de Sócrates não ter escrito nada. Conhecemo-lo, sobretudo por Platão e Aristóteles. Xenofonte também tem sido citado como fonte para conhecer Sócrates. Mas por causa da escassez dos seus conhecimentos filosóficos, hoje a tendência é de ter reduzido credibilidade. Sócrates propõe um método para adquirir o verdadeiro conhecimento. **Esse método privilegia o diálogo.** O primeiro passo do método socrático é a ironia. Consiste em pedir aos interlocutores a definição do tema em discussão até chegarem a contradizer-se, a duvidar e a confessar a própria ignorância. Com a ironia, Sócrates leva o interlocutor a reconhecer a sua própria ignorância; o seu objectivo não é ridicularizar o adversário, mas levá-lo a dar-se conta para este interesse pela procura da verdade. Portanto a finalidade da ironia é de purificar o espírito de falsos saberes e levar o homem a investigar a verdade por si mesmo. Depois de demolir o falso saber, é preciso edificar o verdadeiro saber. Está-se no passo seguinte que se chama maiêutica (=arte de dar à luz). Mediante as perguntas que faz, Sócrates deixa embaraçados aqueles que pensavam estar seguros do seu conhecimento. Leva-os a reconhecer as insuficiências dos seus raciocínios; mostra novos caminhos; desperta e estimula o homem para novos conhecimentos; leva o interlocutor a discorrer por si mesmo, esclarecendo gradualmente a verdade. Diz que o mestre é como o médico: ajuda os partos do espírito; ajuda os interlocutores a darem à luz a verdade.

De tudo isto Sócrates conclui que **o ponto de partida da nossa procura da verdade é a ignorância (a nesciência).** **“Só sei que nada sei;** no entanto supero a generalidade dos homens que nem isto sabem”, diz Sócrates. Essa procura deverá ser realizada por cada um, usando a razão descobre-se a verdade. Sócrates considera a razão como o meio adequado para penetrar na realidade. **Usando a razão**

**descobre-se a verdade.** Esta não é criação da mente nem habilidade dialéctica; é uma descoberta. Por isso **a mente não deve aceitar ídolos falsos e estranhos, mas seguir o seu próprio impulso (a que chama génio demónio interior).** Daí o lema de Sócrates: **“Conhece-te a ti mesmo”.** A virtude consiste em conhecer-se a si mesmo. De facto ele foi um homem de reflexão; chegava a ficar vinte e quatro horas consecutivas de pé imbuído nos seus pensamentos, sem se aperceber daquilo que se passava em volta dele. Sócrates não se preocupou com os princípios supremos do universo. Preocupou-se com o valor do conhecimento humano. **Preocupou-se com a antropologia, psicologia, gnosologia, moral e pedagogia.**

**No campo da antropologia:** ele ensina que a alma é superior ao corpo. Este é como uma prisão para aquela. Com a morte a alma fica livre e obtém uma vida melhor. Consequentemente não se deve ter medo da morte. Alma é imortal.

**Em psicologia,** para Sócrates o importante é conhecer-se a si mesmo para se cultivar cada vez mais a própria interioridade, consciência e dignidade.

**Quanto à gnosologia,** Sócrates distingue opinião e verdade. O conhecimento sensitivo sozinho não nos possibilita conhecer a verdade. Com ele só conhecemos opiniões. O conhecimento intelectual é o único capaz de nos fazer conhecer a verdade, formando na mente um conceito de valor universal. A opinião varia de pessoa para pessoa; ao passo que o conceito universal é válido para todos.

Os conceitos universais que Sócrates procurou definir são de **bem, justiça, felicidade, virtude, isto é, os conceitos éticos.** Para Sócrates, **cada homem deverá praticar o bem e fugir do mal. A felicidade consiste na honestidade e na prática da virtude, e não em coisas passageiras, como a riqueza, a honra ou o prazer.**

**Sócrates,** que nasceu e morreu em Atenas, é uma das figuras mais importantes da Filosofia ocidental, talvez a mais polémica e enigmática, apesar de nada ter escrito. Sua filosofia, seus ensinamentos e sua vida nos são transmitidos por seus discípulos, principalmente Platão e Xenofonte. É incrível a semelhança histórica que o filósofo grego apresenta com a figura de Jesus Cristo. Ele foi condenado à morte aos **70 anos,** após julgamento em Atenas, por impiedade, por corromper a juventude com seu pensamento e por introduzir novas divindades e não venerar os deuses da cidade. Morre como um **mártir** após tomar um **cálice** de **cicuta** na frente de seus discípulos, **defendendo a Filosofia,** assim como a **morte de Cristo foi um símbolo primordial para o cristianismo.** (Matar, 2010: 48)

Sócrates foi um ferrenho adversário dos sofistas. Ensinava gratuitamente, de maneira espontânea, tomando o HOMEM como centro de suas pesquisas e preocupações. Combateu duramente o método de adestramento dos sofistas e suas técnicas, dizendo que não eram filósofos, pois não tinham amor pela sabedoria nem respeito pela verdade, já que defendiam qualquer ideia, se isso fosse vantajoso. Corrompiam o espírito dos jovens, pois faziam o erro e a mentira valer tanto quanto a verdade. O processo de questionamento a que expõe seus interlocutores nos debates, denomina-se MAIÊUTICA; talvez seja sua maior herança para a Filosofia. Ao contrário dos sofistas, Sócrates utilizava um método pelo qual não se propunha a **ensinar**, mas **apenas a aprender**, por meio de **perguntas** que levavam seus interlocutores a reconhecer que não sabem o que achavam que sabiam. Assim, muitas vezes, seus diálogos podem ser considerados **aporéticos**, pois geram impasse, sem conclusão. Indicam um caminho, mas não a resposta. Por meio do **ELENKHOS**, seu **método de exame e refutação**, ele não procura produzir vitórias nos debates, como os sofistas, mas fazer **o parto de conceitos (nos seus interlocutores) e chegar à verdade**.

Sócrates, assim como os sofistas, contribuiu pra o movimento da mudança de foco da Filosofia, da NATUREZA para o HOMEM. Ele não reflecte sobre a natureza, mas sobre o SER HUMANO; não busca os princípios do UNIVERSO, mas os fins para o HOMEM. Propunha que antes de conhecer a NATUREZA e antes de PERSUADIR os outros, cada um deveria primeiro e antes de tudo, CONHECER-SE A SI MESMO. Daí a expressão: "CONHECE-TE A TI MESMO" é um dos ensinamentos que Sócrates deixou para a posteridade. A ele estão também associadas máximas como: "SÓ SEI QUE NADA SEI" E "A VIRTUDE É O CONHECIMENTO; NINGUÉM ERRA OU PRATICA O MAL INTENCIONALMENTE, MAS POR IGNORÂNCIA" (Mattar, 2010: 49). Sócrates defendia o INATISMO, isto é, a doutrina que admite a preexistência eterna de ideias e verdades dentro de nós desde sempre. O processo do conhecimento consiste em rememorar ou recordar as verdades que já trazemos em nós = (autoconhecimento). O papel do educador e do filósofo é o de trazer à luz estas ideias, à semelhança de uma obstetriz ou parteira. Este conhecimento dá-se pelo diálogo estabelecido entre o mestre e os seus discípulos, com a aplicação do método da MAIÊUTICA E DA IRONIA.

**Causa da morte de Sócrates.** Percorrendo as **ágoras** ou **praças** e **ruas** de Atenas, conta Platão, Sócrates perguntava aos atenienses, qualquer que fosse, **jovens** ou **velhos**, o que eram os **valores** nos quais acreditavam e que respeitavam ao agir. Sócrates andava descalço. Indagava, por exemplo: o que é a coragem? A



justiça? A piedade? A amizade? A virtude? O bem? As perguntas socráticas terminavam sempre por revelar que os atenienses respondiam sem pensar no que diziam. Repetiam o que lhes fora ensinado desde a infância, segundo os costumes; pois confundiam valores morais com os factos constatáveis em sua vida quotidiana; diziam, por exemplo, que **“coragem é o que fez fulano na guerra contra os persas”**, revelando assim a sua ignorância.

Procurando ajudar a despertar os atenienses, Sócrates afirmava que **“apenas o ignorante é vicioso ou incapaz de virtude, pois que sabe o que é o bem não poderá deixar de agir virtuosamente.”** Por isso, foi acusado de corromper a juventude com suas ideias, de desacreditar nos deuses e de introduzir em Atenas novos deuses. Os juízes condenaram-no à morte, dando-lhe a beber uma taça de cicuta e morreu. Estava-se em **Fevereiro de 399 a.C. e Sócrates andava pelos 70 anos de idade.** Sócrates era tão humilde e honesto que, antes de morrer recordou-se que tinha uma dívida, por isso, liquidou-a com uma galinha. Sócrates não se defendeu, porquê? Porque, dizia ele, “se eu me defender, estarei aceitando as acusações e eu não as aceito. Se eu me defender, o que os juízes vão exigir de mim? Que eu pare de filosofar. Mas eu prefiro a morte que renunciar a Filosofia.”

## 2.3.2. Período Sistemático (Século IV-III a.C.): Os Socráticos

Do final do século IV ao final do século III a.C., quando a Filosofia buscava reunir e sistematizar tudo quanto foi pensado pela COSMOLOGIA e pelas investigações sobre a ACÇÃO HUMANA na ética, na política e nas técnicas. Nesse período, desenvolveram-se a Teoria de Conhecimento, a Psicologia e a Lógica. São exímios e principais representantes: **Platão e Aristóteles**. Socráticos são aqueles pensadores que foram fortemente influenciados por Sócrates; aqueles que desenvolveram um ou outro de Sócrates, dando origem a várias escolas. Os principais são: Antístenes, Aristipo, Euclides de Mégara e finalmente Platão.

**A escola cínica de Antístenes de Atenas.** A escola cínica foi fundada por Antístenes. Este nasceu em Atenas cerca do ano 444 e morreu em 365 a.C. (435-370?). Ele fundou a sua escola num ginásio com o nome de Cinosarge que significa **cão magro e ágil**. Por esse facto, os adeptos dessa escola eram chamados "**Cínicos**". Antístenes debruçou-se essencialmente sobre as questões éticas. Diz que o fim do filosofar é atingir e praticar a virtude; esta é suficiente para se ser feliz.

O filósofo e todo o sábio devem ter como característica fundamental o "não-ter-necessidade-de-nada". Isto é, devem estar afastados dos bens materiais e de todas as preocupações deste mundo. Um dos princípios fundamentais de Antístenes diz: "o sábio bastante a si mesmo". O homem livre é aquele que não tem necessidades; homem virtuoso é aquele que se liberta de tudo por meio da ascese e do cansaço e não pelo saber teórico, pois este é impossível. Livre é aquele que no fim, depois duma vida ascética, sozinho, sem se comprometer com a política ou com outros afazeres sociais, **chega a viver como os cães vadios**. É por isso que os cínicos, mais tarde, dirão que a sua denominação não deriva tanto do ginásio de Cinosarge do tipo de vida que levavam, semelhante a de cães vadios: livres e autónomos, sem prática sempre ocupações peregrinos com sacolas e capotes curtos, não fazem caso de nada e de ninguém.

Há dois obstáculos para se atingir sabedoria: o orgulho e o prazer. O orgulho impede que cada um se conheça a si mesmo, os próprios limites e defeitos; o prazer impede a autonomia do sábio. Por isso Diógenes sequaz dessa escola, dirá: para mim é melhor enlouquecer do que sentir prazer. A ética cínica inspira-se em Hércules, o herói fadiga e da virtude. É uma mensagem de liberdade que ensina a

libertar-se de todos os apetites. Condena os prazeres porque são contrários a liberdades interiores. As honras não têm valor nenhum. Diz-se que quando alguém disse a Antístenes: muitos te louvam, ele teria respondido: que mal fiz?

### 2.3.2.1. Euclides Mégara

Euclides natural de Mégara terá vivido entre os anos 435 e 365 a.C. Foi fiel Sócrates. Fundou a escola Megárica. Para esta escola a única realidade é o bem. O que não é bem não existe do conhecimento do bem depende a virtude e a felicidade. Só há um bem, embora tenha diversos nomes: sabedoria, Deus, intelecto, prudência, uno, etc. A escola megárica inspira-se mais em Parménides e Zenão do que Sócrates. É por isso que nega a mudança.

### 2.3.2.2 Platão.

**Vida e obras.** Platão, uma das maiores figuras da filosofia de todos os tempos, nasceu em Atenas em 427a.C, filho de Aristão e de Perictione. É descendente dum das famílias mais antigas e nobres do país. O seu nome verdadeiro é Aristocles. Mais tarde deram-lhe o nome de Platão; uns dizem que é por causa de ele ter a fronte e as espáduas largas. Platos em grego significa amplitude, larguesa. Outros dizem que terá sido em honra do seu Avô que também se chamava Platão. Recebeu uma educação de acordo com a tradição Aristocrática. Teve os primeiros contactos com a filosofia frequentando de um discípulo de Heráclito, de nome Crátilo. Em 408 conheceu Sócrates o qual se tornou o seu único mestre até a morte.

A morte do seu mestre comoveu tanto Platão, que se decidiu a continuar a sua obra. Foi à Mégara por algum tempo por medo de sofrer represálias, pois era amigo de Sócrates, e aí começou a escrever os seus primeiros diálogos em memória e defesa do mestre. Depois empreendeu uma longa viagem que o levou ao Egipto, Cirene, Cretona, Sicília e Siracusa. A que esteve durante 3 anos, na corte do tirano Dionísio I. Primeiro foi bem recebido mas depois foi vendido escravo porque propôs que se operasse alguma mudança no Estado. Livre da escravidão, que durou três anos, voltou para Atenas e fundou uma escola a que deu o nome de Academia, Platão pretendia preparar os futuros "políticos verdadeiros", isto é, os homens que deviam ser capazes de renovar o estado mediante a sabedoria e o conhecimento do bem supremo. Morreu em Atenas em 347 a.C. Deixou muitas obras, entre as quais: Apologia de Sócrates, o Banquete, Fédon, Fedro, o Sofista, A República, As Leis, As Cartas.

**Doutrina.** Platão diz que uma coisa é bela porque participa da beleza; é verdadeira porque participa da verdade; é boa porque participa da bondade, é humana porque participa humanidade; é esférica porque participa da esfericidade. Isto significa que o mundo sensível participa do mundo intelectual. Existindo o mundo sensível tem que existir também o mundo inteligível. Existem os cães porque existe “à parte”, “separado”, subsistente: o Cão; **existem os homens porque existe o Homem; existem coisas belas, boas, verdadeiras... Porque existe a Beleza, a Bondade, a Verdade...**

Portanto segundo Platão, há dois mundos: o inteligível e o sensível. O primeiro é causa do segundo. O mundo sensível é um mundo decaído e alienado, uma reprodução imperfeita, uma imitação mal feita, uma participação limitada de um mundo ideal, perfeito, eterno, incorruptível, divino: **O mundo das ideias** (o Hiperurâneo; que está além do mundo visível). Segundo Platão, no início, além das ideias havia o Caos (matéria informe) e o Demiurgo (artífice soberano). Este, contemplando as ideias, plasmou a matéria informe e produziu o mundo material. A doutrina das ideias é o ponto fulcral de toda a filosofia platônica. Constitui o conteúdo verdadeiro da sua doutrina do conhecimento e da sua metafísica; e se reveste de capital importância na lógica, psicologia, ética, política e filosofia da natureza. O saber real é só o saber conceitual. Donde vem? Dos sentidos? Certamente que não, porque dos sentidos não podemos deduzir, por exemplo, o conceito de igualdade. Platão explica: a alma humana teve uma existência supraterrânea antes desta vida e aí recebeu conhecimentos e conceitos como os de igualdade, bondade, justiça, etc. Uma vez que a alma adquiriu todo o saber verdadeiro antes desta vida, todo o conhecimento é uma “**reminiscência**” daquilo que a alma contemplou na sua existência supraterrânea mas que esqueceu ao encarnar no corpo humano. Por exemplo, vendo as coisas belas, desperta-se em nós a ideia de Beleza; vendo as coisas justas, desperta-se em nós a ideia da justiça, etc.

**Na sua obra Fedro**, Platão fala do carro alado. “ A alma assemelha-se a um carro alado puxado por dois cavalos, um branco e outro negro, dirigidos por um auriga moderador”. O cavalo branco simboliza a tendência nobre da alma. O cavalo negro simboliza o apetite ou paixão baixa, bestial. O auriga é a razão que deve comandar e ordenar o conjunto. A alma assim representada vivia num lugar celeste, o céu empíreo, onde existia pura e bem-aventurada antes de encarnar num corpo e baixar ao mundo. Nesse lugar celeste, a alma contemplava as ideias. Por vezes o cavalo negro tem um comportamento traiçoeiro e lança por terra o carro e o condutor. Devido a essa queda, a alma desce ao mundo e une-se a um corpo.

Esquece as ideias que antes contemplava intuitiva e directamente. Passa a conhecer através dos sentidos e só poderá entender coisas simples e concretas. O conhecimento intelectual realiza-se pela recordação (anamnese) das ideias que a alma contemplava antes de baixar ao mundo. A experiência externa apenas serve para despertar a recordação. Por isso é que para Platão **"conhecer é recordar"**

Para além do mundo sensível devemos colher a ideia. Só esta, enquanto não ligada à sensibilidade, e portanto imutável, é objecto de verdadeiro conhecimento. O mundo sensível é objecto de opinião. Portanto Platão admite um conhecimento sensitivo e um intelectual. Os sentidos apenas são capazes de dar uma opinião (dóxa) do seu objecto; ao passo que o intelecto dá um conhecimento verdadeiro (epistème), um conhecimento universal. A doutrina da reminiscência é uma prova de que para Platão a alma é preexistente, espiritual e imortal. Pela mesma doutrina também se reconhece que há um conhecimento sensitivo e é este que suscita a recordação das ideias. Mesmo depois da queda, o parentesco entre a alma e as ideias mantém-se, pois a alma continua em contacto com as ideias neste mundo por meio do conhecimento intelectual.

Para explicar o seu pensamento sobre a natureza das coisas concretas, materiais deste mundo, Platão, na República, **fala do mito da caverna**. Diz que a condição humana é semelhante à dos prisioneiros encarcerados desde a infância numa caverna sombria, forçados a olhar a parede à sua frente. Têm os pés e o tronco amarrados e não podem olhar para trás. Atrás, a uma certa distância, existe uma fogueira cujo clarão os ilumina e projecta sobre muralha da caverna as sombras vacilantes dos que passam. E os prisioneiros, que apenas conhecem as suas próprias sombras e as dos outros, projectadas na parede oposta da caverna, tomam as sombras pelas próprias coisas e não imaginam que exista outra realidade a não ser elas. Consideram as sombras como realidades porque não conhecem outra realidade. Se um dos prisioneiros se libertasse e tomasse contacto com o sol, aperceber-se-ia da realidade e da ilusão das sombras. Se voltasse à caverna sentiria o desejo de explicar o que tinha visto mas teria a dificuldade de se fazer acreditar porque os outros pensariam que ele tinha ficado louco. Quem tentasse libertá-los mereceria a morte.

A fogueira é a ideia do bem; os que vão passando são as diversas ideias das coisas; as sombras representam as coisas deste mundo. A forma das coisas procede das ideias porque as coisas deste mundo participam das ideias. Com este mito, Platão quer ilustrar que há diversos graus de conhecimento e que a passagem dos graus inferiores aos superiores é lenta e exige esforço; requer conversão, mudança

completa de mentalidade. A filosofia procura levar os homens à conversão de um grau a outro, até ao grau supremo, onde só se tem o conhecimento verdadeiro da realidade.

**A ética em Platão. Toda a filosofia de Platão tem uma orientação ética: ensina o homem a desprezar os prazeres, as riquezas e as honras e a praticar a virtude.** O homem é peregrino, a caminho do Além. Para a alma chegar ao Além, primeiro passa por um interrogatório sobre o que fez com a justiça, a temperança, a virtude. Se a alma praticou plenamente a justiça, receberá prémio; irá para lugares maravilhosos nas ilhas dos beatos. Se viveu plenamente na injustiça a ponto de se tornar incurável, receberá um castigo eterno. Se praticou alguma e também algumas injustiças, desde que se mostre arrependida das injustiças cometidas, receberá uma punição temporária; depois terá o prémio que merece. É de salientar que para Platão o pior de todos os males é a injustiça. **Só é feliz quem pratica a justiça e outras virtudes.** Portanto para Platão a ética tem como meta o Bem. A alma decaída deverá purificar-se, praticando a virtude. Essa purificação dá-se logo que a alma deixa o mundo sensível e fica em posse do mundo inteligível e espiritual. A purificação constituirá na contemplação das ideias.

**A política em Platão.** Sendo descendente de família nobre, Platão sentiu-se fortemente atraído pela vida política. Diz que a verdadeira política deve ter como fundamento a filosofia, pois só esta representa a via segura para atingir a justiça e o bem. Não pode haver uma autêntica política e um verdadeiro estado que não tenha por base a justiça e o bem. Platão trata de questões políticas, sobretudo nas suas obras com o título República, Política, Leis. Para Platão a origem do estado encontra-se no facto de que ninguém se pode bastar a si mesmo; cada um precisa dos outros. Por isso cada um deve associar-se com os outros e com eles repartir as ocupações. A sociedade ideal compreende três classes: os operários, os guerreiros e os magistrados. Pertencem à classe dos trabalhadores os artesãos, camponeses, comerciantes, pescadores etc. O guerreiro deve caracterizar-se pela coragem porque a ele compete os estados dos inimigos externos e das agitações internas.

O magistrado deve caracterizar-se pela sabedoria (Sofia). A esta classe pertencem os filósofos e outros sábios. Todos os membros da sociedade deverão praticar as virtudes da justiça e temperança. Se cada um se dedicar à sua função, haverá harmonia e a sociedade será justa. Quando se perder a harmonia virá a decadência. Os únicos que estão à altura de deter a decadência são os filósofos. Por isso são eles que devem governar. Para garantir que o estado tenha cidadãos perfeitos, Platão recomenda que só deverão ter filhos aqueles casados

em que tanto o homem como a mulher gozem de perfeita saúde, sejam inteligentes e belos. Os adolescentes deverão ser retirados das suas famílias a fim de receberem uma educação exemplar, que lhes possibilite ter carácter e personalidade. Os que não são intelectualmente dotados são encaminhados para a classe de trabalhadores.

O que caracteriza o bom governo é ter em vista o bem integral de todos os cidadãos. Uma política que só olha para o bem do corpo e se esquece da alma é má política. **Platão fala de quatro tipos de governo mau:** A **timocracia** que é o governo dos ambiciosos; A **oligarquia**, que é o governo dos ricos ávidos do poder e do dinheiro; A **democracia** que é o governo turbulento das massas populares, dos que querem acabar com as diferenças sociais em nome da igualdade; querem sem que tenham preparação para tal; A **tiranía** que é o governo de um déspota, corrupto, que manda sozinho e de modo injusto. Note-se que nas suas obras iniciais, como em Fedro, Platão diz que homem tem uma só alma. Mais tarde, como em Fedam, passa a falar de três almas no homem: a alma racional, a alma irascível e alma concupiscível. Estas encontram-se respectivamente na cabeça, no peito e no ventre. A alma racional é como um auriga, as outras são os dois cavalos. O cavalo bom, belo e obediente é a alma irascível; o cavalo mau, feio e rebelde é a alma concupiscível. Há quem prefira interpretar que para Platão há três partes na alma e não três almas. Platão sonhava instaurar a República ideal em que o governo estaria na mão dos filósofos. Mas tal sonho nunca se concretizou.

**Platão** nasceu em Atenas (427-347 a.C.). Conheceu Sócrates aos 20 anos de idade e apaixonou-se pela sua doutrina e método. Viajou muito. Foi seu sonho instaurar a República Ideal. Pensava instaurar um governo de filósofos. Mas nunca foi possível concretizar tal sonho. (Ibidem, 2010: 49) Em 387 fundou em Atenas uma escola a que se deu o nome de **ACADEMIA**, pelo facto de ter sido instalada no parque do herói Academo e foi considerada a primeira Universidade do mundo. Aí ensinou filosofia durante 40 anos, cujo aluno mais ilustre foi **Aristóteles**, que lá ficou por mais de 20 anos.

A característica dominante da Filosofia platónica é o **DUALISMO**. Platão fala do **Mundo** da **Ideias** e do **Mundo Material**. Considera o Mundo Material como **decaído** e alienado, uma **reprodução imperfeita**, uma **imitação mal feita**, uma **participação limitada** de um Mundo Ideal, **perfeito, eterno, incorruptível, divino**: o Mundo das Ideias. Este dualismo reflecte-se em todos os sectores da sua Filosofia. Para Platão, conhecer é recordar. Ou seja, desenvolveu a Teoria da Reminiscência, que defende o conhecimento inato, latente em nossa alma, que relembramos e trazemos para a consciência. No



FÉDON, expõe a teoria de que a **alma é independente do corpo**, sendo o corpo prisão da alma. Na República Platão fala do **Mito da Caverna**, onde as pessoas enxergam as sombras, confundindo-as com a realidade. Sendo necessário o exercício ou a intervenção da Filosofia para libertá-las da prisão. (Ibidem, 2010: 49) **Obras de Platão:** Apologia de Sócrates, o Banquete, Fédon, Fedro, o Sofista, a República, as Leis.

### 2.3.2.3. Aristóteles

**Vida e obras.** Aristóteles é uma das figuras mais ilustres da filosofia de todos os tempos; nasceu em Estagira na Península macedónica de Calcídia no ano 384 a.C.; esta cidade tinha sido colonizada pelos gregos; por isso nela predominava a cultura grega. É filho de uma família de médicos, sendo seu pai, Nicómaco, médico do rei Amintas II de Macedónia. O rei é avô de Alexandre Magno; Aristóteles foi convidado a educar Alexandre quando este tinha apenas treze anos de idade. Aos 18 anos, já órfão, entrou na Academia platónica onde foi discípulo encantado de Platão. Aí permaneceu até à morte do mestre: quase vinte anos. Nessa altura conheceu sábios e filósofos de renome da época.

Depois da morte de Platão, Aristóteles abandona a Academia. Mais tarde fundou em Atenas a sua escola filosófica chamada Liceu pelo facto de se localizar numa próxima região do templo dedicado ao deus Apolo Liceio. A escola também tinha o nome de **"Peripatética"** porque aí havia o costume de dialogar e de estudar enquanto se passeava pelos jardins em redor (Peripatos=passeio). Os discípulos de Aristóteles passaram a ser chamados **peripatéticos**. Aristóteles dirigiu a escola por um período de doze anos; ela ganhou tanta consideração, que obscureceu a fama da Academia. Em 323 morre Alexandre Magno, amigo e protector de Aristóteles; este é acusado de impiedade. Prevendo que lhe podia acontecer o mesmo que aconteceu com Sócrates, abandona Atenas, refugia-se em Calcis onde morre no ano 322. Das suas obras destacam-se a lógica a que se chamou Organon (instrumento do saber; para dizer que a lógica é o instrumento do pensamento). Também deixou Física, Metafísica, Ética Nicomaqueia, Política, Retórica, Poética.

**Ensinaamentos de Aristóteles.** Aristóteles substituiu o **diálogo platónico** pelo tratado filosófico. Diz que o diálogo é muito bom, mas muitas vezes se torna prejudicial para a clareza, sistematização e precisão do discurso. O tratado permite maior ordem, clareza e objectividade. Aristóteles foi verdadeiro apaixonado pela filosofia. Diz **que a filosofia é a coisa mais excelente. A filosofia é necessária;** mesmo quem a queira negar, vê-se obrigado a filosofar. Isto é, **NEGAR A FILOSOFIA É FAZER A FILOSOFIA**, pois, como ele próprio o diz na sua obra Protréptico fragmento 2, **é necessário filosofar,"** se efectivamente existe a filosofia, somos todos obrigados a filosofar, pelo facto de que ela existe; se não existe, somos obrigados a investigar a causa da não existência da filosofia. Investigando, filosofamos, porque investigar é a causa da filosofia.

**A filosofia é possível:** não precisa de instrumentos nem de lugares especiais; em qualquer parte pode-se alcançar a verdade. Além de que os princípios e causas primeiras, que são o objecto específico da filosofia, são os mais cognoscíveis, mesmo quando se apresentam obscuros para nós; **A filosofia é útil:** pois possibilita contemplar; e a contemplação é superior à acção; a teoria é superior à prática; **A filosofia procura-nos a felicidade:** de facto todos os homens amam a vida; e a vida mais elevada consiste em pensar. A suprema felicidade realiza-se na actividade do pensamento.

**Lógica.** Aristóteles é o criador da lógica como ciência sistemática e independente; foi o primeiro que fez um estudo sistemático sobre os conceitos. Ele reduz as ideias a dez grandes grupos chamados categorias ou procedimentos: a primeira categoria é a substância e as outras nove são acidentes. O que mais celebrou, Aristóteles como lógico é a elaboração do silogismo. Este, normalmente, é formado por três proposições de tal forma dispostas que expressas as duas primeiras, chamadas premissas, se segue necessariamente a terceira, a conclusão. Além do silogismo, Aristóteles também fala da **indução**. Esta sai do particular ou de proposições menos universais para uma proposição mais universal. A lógica de Aristóteles foi tão bem acolhida na filosofia, que até bem pouco tempo se pensava que não era possível acrescentar-lhe mais nada; está completa. Kant é desta linha de pensamento. Hoje os lógicos reconhecem a profundidade do estagirita, mas estão convencidos de que ainda há muito a dizer nesse campo.

**No que diz respeito à metafísica.** Aristóteles considera-a o saber mais importante e mais elevado porque estuda o ser em si mesmo e tem em vista a descoberta das causas últimas das coisas. As causas fundamentais de que se ocupa a metafísica são quatro: causa material, causa formal, causa eficiente e causa final. Por isso a metafísica aristotélica é a ciência que se ocupa das realidades que se encontram acima da física, isto é, tudo o que é material. A metafísica tem como finalidade a procura desinteressada da verdade. Aristóteles diz que "todas as ciências podem ser mais necessárias do que a metafísica, mas nenhuma é mais excelente do que ela".

Enquanto a metafísica estuda o ente considerado em si mesmo, Aristóteles dá-lhe o nome de "**filosofia primeira**". Aristóteles acentua que **a noção de ser é análoga:** engloba o que há de comum e o que há de diverso em todos os entes. Ainda em metafísica, Aristóteles fala do princípio de não contradição: "é impossível que uma mesma propriedade, considerada sob o mesmo ponto de vista, possa pertencer e não pertencer a uma mesma coisa". Diz que este princípio é notíssimo, infalível, absoluto, indemonstrável; sobre ele não pode haver erro. Negar o princípio de não contradição é tornar impossível a

vida do pensamento e a vida prática. É impossível negá-lo. Aristóteles critica a doutrina platônica das ideias dizendo que ela é muito artificiosa e não explica nem o ser das coisas nem o seu devir.

A explicação da realidade encontra-se dentro da própria realidade. Segundo Aristóteles, a realidade é constituída de substância e acidentes. A substância é o que existe em si e o acidente é o que existe no outro. E diz que a substância tem prioridade sobre os acidentes. Dá o nome de *ousia* à substância. As substâncias corpóreas são constituídas de **matéria e forma**. A essa teoria Aristóteles dá o nome de **hilemorfismo**. Aristóteles fala também de acto e potência. A potência é qualquer realidade que tem as propriedades de ser indeterminada, passiva, capaz de assumir várias determinações. Ao passo que acto é a realidade que tem as características de ser determinada, finita, perfeita, completa. Potência é o que ainda não é mas pode vir a ser; tem capacidade de ser. Acto é o que já é. Pode-se dizer que no campo metafísico, a maior descoberta de Aristóteles é exactamente a que diz respeito às noções de acto e potência. O acto goza de prioridade em relação à potência: prioridade lógica, porque é definida em primeiro lugar; prioridade gnosiológica, porque é conhecida em primeiro lugar; prioridade ontológica, porque existe em primeiro lugar. Na sua *Metafísica*, Aristóteles fala de **"Motor Imóvel"** e identifica-o com Deus. Tudo o que se move é movido por alguém; mas tem de haver um **"Primeiro Motor"** e este tem de ser Imóvel. Diz que Deus move o mundo sem se mover; move o mundo como causa final e não como causa eficiente.

**Psicologia.** Aristóteles é conhecido como o fundador da psicologia por ser o primeiro a fazer um estudo sistemático dos problemas filosóficos concernentes à constituição de natureza humana, as suas disposições e inclinações as suas faculdades e operações, o conhecimento, a sensação, a memória o sono etc. Trata de questões psicológicas nas suas obras intituladas *História dos animais* e *Sobre a alma*. Todos os seres que têm matéria, incluindo o homem, são constituídos de matéria e forma. Caso do homem a matéria chama-se corpo e a forma, alma. Corpo e alma estão intimamente unidos e por isso a alma não pode existir antes do corpo, como ensinava Platão. O homem distingue-se de todos os seres por ter uma alma racional. Aristóteles diz que a alma humana exerce três funções: **Função vegetativa**: para nutrir e conservar o corpo e a espécie; **Função sensitiva**: que possibilita o conhecimento através dos cinco sentidos externos e dos sentidos internos (senso comum, memória e fantasia); **Função intelectual**: que se concretiza na abstracção, juízo e argumentação. Segundo Aristóteles, o conhecimento humano parte da experiência sensitiva. A alma humana, inicialmente, é considerada

como uma **tábua rasa** onde ainda nada se escreveu; a experiência é que vai imprimir nela os primeiros caracteres. O primeiro conhecimento que a alma adquire vem dos sentidos. O conhecimento intelectual inicia-se através dos sentidos mas depois torna-se superior e distinto do conhecimento sensitivo. Por causa do intelecto, o homem ultrapassa a esfera das coisas concretas e penetra no mundo inteligível das essências universais. O conhecimento intelectual é um **ler por dentro**.

**A ética.** Aristóteles trata da ética na *Ética eudemia* (ética original) e na *Ética nicomaqueia*. **O homem só alcança a felicidade quando realiza plenamente as suas capacidades humanas. A felicidade para o homem é a plena realização da sua própria natureza. A ética tem por objecto o agir humano.** Sendo um ser racional o homem será feliz mediante actuação da razão; ora a perfeita actuação da razão se encontra na contemplação, logo, a felicidade do homem consiste na contemplação. No entanto o homem não é puro espírito. Por isso, para ser verdadeiramente, deverá satisfazer as faculdades sensitivas e não só as da razão. A satisfação dos sentidos chama-se **prazer**. Desta forma a verdadeira felicidade do homem consiste na contemplação e no prazer. Mas o prazer desligando da razão leva uma vida de escravos; é próprio só para bestas. Portanto para Aristóteles, a felicidade não deve procurar nem nas riquezas nem nas honras. O meio para atingir a felicidade é a virtude. Aristóteles define a virtude como sendo “o hábito o meio justo” isto é, a virtude é o hábito de praticar acções que estão num meio entre dois excessos. “**In Medio Stat Virtus**”. Aristóteles distingue dois grandes grupos de virtudes: virtudes do intelecto (virtudes dianoéticas) e virtudes morais. As primeiras servem para desenvolver e fazer funcionar as faculdades intelectivas. E são ciências intuitivas (nous), ciências racionais (epistème), sabedoria (sofia), arte (téchne), ciência prática (frónesis), as virtudes morais servem para controlar as paixões e escolher os meios aptos para se atingir o fim em vista. As principais são: a prudência, a temperança, fortaleza e a justiça.

Quanto à **justiça**, Aristóteles diz que há dois tipos essenciais: justiça distributiva: o estado deve distribuir tudo aos cidadãos o mais rectamente possível; dar a cada um o que lhe diz respeito (honra, dinheiro, bens...), proporção aos méritos e à condição social de um. Justiça correctiva: é preciso punir os transgressores da lei para que se corrijam, e restituir aos legítimos proprietários aquilo de que estão privados. Para Aristóteles, a amizade ocupa um lugar de destaque dentre as virtudes. Diz a que sem ela não pode haver felicidade.

**Política.** O estado tem uma origem natural porque o homem é um ser essencialmente social; por sua própria natureza é levado a viver associado com os outros e a organizar-se em comunidade, em estado.

“O estado é uma criatura da natureza e o homem por natureza político. Aquele que por natureza não tem estado ou é incapaz de viver em sociedade, é superior ou inferior ao homem, isto é, ou é um Deus ou animal”, diz Aristóteles. O homem é um animal prático; da família passa pela aldeia e desta para “pólis” (cidade-estado) daí tira a conclusão de que o homem não é social por algum contrato ou aliança mas por natureza. O homem não se transforma social e político. Nasce social e político. Segundo Aristóteles, a polis não deve ser nem muito grande nem muito pequeno nem muito populoso. O ideal tem 20.000 habitantes, situada ao longo da costa marítima, com praças onde cada um dos habitantes possa fazer-se ouvir por todos.

Diz que os povos nórdicos são robustos mas rudes; os asiáticos são inteligentes, mas abúlicos. Os gregos possuem as qualidades de uns e de outros, mas não os defeitos, por isso, se fossem unidos poderiam governar o mundo. A finalidade do estado é tornar a vida possível e feliz, procurando o bem comum. Por isso Aristóteles divide as formas de governo em duas categorias: justa e injusta. Há três formas de constituições justas e três constituições injustas. Constituições justas são aquelas que servem o bem comum e não só o dos governantes. Trata-se da **monarquia**, que é a chefia de um só, o melhor, e que se ocupa do bem de todos; **aristocracia**, que é a chefia dos melhores que procuram o bem de todos, sem se atribuírem privilégios a si mesmos; república, que é o governo do povo que trata do bem de todos os cidadãos.

Constituições injustas: são as que servem o bem dos governantes e não o bem comum. São: **a tirania**: só manda um mas de modo arbitrário, cruel, injusto, prepotente e apenas procura interesse pessoal; é a degeneração da monarquia. **A oligarquia**: governo de ricos; é uma minoria mal escolhida e que só procura bens económicos pessoais; **a democracia**: é o governo da massa popular que, em nome da igualdade, pretende acabar com toda a diferença. Em sintonia com o pensamento do tempo, Aristóteles diz que alguns homens são por natureza livres e outros escravos. Portanto justifica a escravatura. Os homens livres são únicos que têm direitos de cidadãos como tais. Ao grupo dos escravos pertencem todos aqueles que apenas são capazes de trabalhos corporais. São inferiores aos livres. Para seu próprio interesse, aquele que nasceu escravo, para quem, portanto a escravatura é algo natural, deve deixar-se dominar pelo homem. Nesta mesma linha, sustenta a inferioridade da mulher em relação ao homem porque elas têm menos “razão”. Aristóteles diz que o comunismo é algo impossível de realizar; ele é a favor da propriedade privada.

Quanto à **educação**, Aristóteles diz que ela é tarefa do estado. O ensino não é um assunto privado, mas estatal. As crianças devem

educar-se já como futuros membros de tal Estado. O valor do Estado depende dos seus membros. Uma vez que o Estado tem sempre o mesmo fim, as crianças devem ter a mesma educação. O futuro cidadão deve estar educado para os actos virtuosos. Na educação salientam-se quatro disciplinas: literatura, música, pintura e ginástica. Tenha-se presente que o Deus de Aristóteles é só um Deus filosófico; é espírito puríssimo que não se pode contaminar com a matéria. Por isso não cria o mundo, não cuida dele nem o conhece, mas o mundo sente-se atraído por ele e se move para ele. Se bem que a concepção aristotélica sobre Deus deixe a desejar, é de salientar que ela representa a conquista mais alta do pensamento religioso grego. Superou a mitologia e a religião pública que reduziam os deuses a simples homens. Aristóteles liberta a imagem de Deus de todo o antropomorfismo.

**Aristóteles** nasceu em Estagira, colónia grega da Macedónia (384-322 a.C.). Viveu na corte de Filipe II. Foi discípulo admirador de Platão, durante vinte anos, que conheceu a fundo a ponto de refutar suas teses. Investigou profunda e incansavelmente sobre Psicologia, Metafísica, Lógica, Teoria do Conhecimento, Linguagem, Teoria Literária, Retórica, Ética, Política, Moral, Religião, Física, Arte, entre outros assuntos. Fundou em Atenas uma nova escola filosófica chamada **LICEU**. Aí havia o costume de **dialogar** enquanto se **passeava** nos **jardins**. Por este facto, recebeu também o nome de **PERIPATO**, que significa **passeio**. Os discípulos de Aristóteles passaram a ser chamados de **PERIPATÉTICOS**. Morreu aos sessenta e dois anos de idade.

A visão filosófica de **Aristóteles** caracteriza-se pelo esforço de ver a realidade num modo **UNITÁRIO**, contrariamente ao **DUALISMO** de **Platão**; e ao mesmo tempo procurou encontrar o princípio único transcendente das coisas últimas, de tudo aquilo que é mutável e contingente. Para tal, Aristóteles postula (define) **quatro causas fundamentais: a matéria e a forma:** para explicar a estrutura intrínseca das realidades corpóreas; **o agente e o fim:** para explicar a origem das coisas e o seu dinamismo. Com estes princípios, Aristóteles resolveu os grandes problemas filosóficos: o **problema cosmológico, antropológico, gnosiológico, metafísico, ético, teológico e político.**

Quanto ao problema cosmológico, diz que todas as coisas (as substâncias corpóreas), são constituídas de **matéria e forma**. É A **TEORIA DO HILEMORFISMO**. A matéria e a forma encontram-se numa relação de potência e acto. O dinamismo das coisas, o seu transformar-se, são causados pelo **PRIMEIRO MOTOR IMÓVEL**, que é o seu fim último. QUANTO AO PROBLEMA ANTROPOLÓGICO diz que

o homem não é só alma. É o resultado da união substancial de alma e corpo, em que a alma é forma e o corpo, matéria. A alma compreende um elemento espiritual, divino e imortal. QUANTO AO PROBLEMA GNOSIOLÓGICO diz que o conhecimento intelectual tem como fundamento o conhecimento sensitivo; as ideias provêm das sensações mediante a abstracção (separação). O conhecimento intelectual inicia-se através dos sentidos, mas torna-se superior e distinto do conhecimento sensitivo: **É UM LER DENTRO**. Graças ao intelecto, o homem ultrapassa a esfera das coisas concretas e penetra no mundo inteligível das essências universais que lhe assegura um modo superior de existir, de comunicar e de progredir.

Quanto ao problema metafísico a Metafísica é o saber mais importante e mais elevado porque estuda o ser em si mesmo e tem em vista a descoberta das causas últimas das coisas. QUANTO AO PROBLEMA ÉTICO, a perfeita felicidade e a plena realização do próprio ser, para o homem, não podem consistir só na **contemplação das ideias**, mas exige também uma adequada satisfação dos **sentidos** porque o homem é essencialmente constituído de **corpo e espírito (alma)**. O único meio de chegar a felicidade perfeita é a virtude.

Quanto ao problema teológico há um ser supremo que é a causa última de toda a transformação em qualidade de motor imóvel. Quanto ao problema político Aristóteles tem como princípio básico a afirmação de que "o homem é social por natureza e é um animal político." Divide as **formas de governo** em **MONARQUIA, ARISTOCRACIA E DEMOCRACIA**. Sustenta que o Estado ideal é a Democracia. Para Aristóteles, a finalidade do Estado é promover a felicidade de todos os seus indivíduos, o **BEM COMUM**, de maneira que todos vivam bem. Nesse sentido, os governantes devem ser virtuosos para servirem de exemplo aos cidadãos. Depois da sua morte em Calcis, as obras de Aristóteles tiveram um destino incrível; desde a época em que seus discípulos esconderam seus textos mais profundos, em Atenas, guardados por quase **três séculos** numa **ADEGA** sem ser lidos por ninguém, passando pela compilação por **Andrógino de Rodes**, em Roma e transferidos para a **biblioteca de Alexandria**.



## 2.4 Quarto Período: A Filosofia Helenística e Romana

O quarto período da história da filosofia antiga compreende um lapso de tempo muito vasto: da morte de Aristóteles (322 a.C.) até ao século II d.C. Quanto ao espaço, abarca todas as regiões onde a cultura grega fazia sentir a sua influência determinante: da Síria à Ásia Menor; estendia-se até África e Roma. Além de Atenas, os centros mais florescentes foram: Alexandria, Rodes, Pérgamo e Roma. Com Alexandre Magno os gregos experimentaram tempos novos, social e espiritualmente. Aristóteles tinha aconselhado o seu antigo aluno, Alexandre, que tratasse os gregos como um chefe e os gregos (os bárbaros) como um dono; que devia preocupar-se com os gregos, tratando-os como amigos e parentes; ao passo que os bárbaros deviam ser tratados como animais domésticos. Isto entende-se tendo em consideração a mentalidade grega daquele tempo: os gregos, graças à sua superioridade espiritual e à sua cultura, consideravam-se os senhores natos; ao passo que os não gregos eram considerados de natureza inferior, e, por consequência, eram escravos natos.

Alexandre não seguiu esse conselho. Abriu a outras culturas e o relacionamento dos gregos com os povos não gregos mudou profundamente. Já não havia distinção entre gregos e bárbaros; todo o homem era igualmente valorizado. A política toda a Antiguidade. A liberdade de que ele fala não é a liberdade política mas a liberdade interior, aquela que ninguém pode roubar. Essa liberdade leva sempre a fazer o bem. Séneca não compartilha a visão da antiga **Stoá** que dividia os homens em sábios e homens comuns; nessa visão os sábios são os inocentes, justos... Ele diz que todos somos pecadores e nenhum homem é totalmente. Depois de Séneca apareceu Rufo de Bolsena (séc. I d.C.): é ao mesmo tempo cínico e socrático; é pacifista e filósofo da linha estoica. Ensinou filosofia espiritualista; diz que a virtude e as ocupações virtuosas devem ser amadas como se ama a agricultura. Das suas obras chegaram até as chamadas "Diatribes". Nesses escritos nota-se um intenso sentido religioso que culmina no louvor a Deus.

Com a filosofia romana conclui-se o período helenístico.

## **2.5. Quinto Período: O Neoplatonismo**

Este período compreende uma extensão geográfica que abrange Roma, Alexandria, Antioquia, Atenas e outros centros. Quanto ao tempo, normalmente conta-se desde o fundador do neoplatonismo que não nasce de improviso. Foi precedido por filosofias que vigoravam nos grandes centros culturais, onde as religiões orientais se encontraram com a filosofia helenística e clássica. Sob este ponto de vista, Alexandria é a cidade mais viva. Aí se dá o cruzamento entre as ciências peripatéticas e a cultura hebraica; a filosofia helenística e o gnosticismo, a Academia e o Peripato. De Alexandria nasce assim uma luz que se irradia para Roma e mais tarde para Pérgamo, Antioquia, etc. Isto significa que para falarmos devidamente do neoplatonismo, precisamos começar pelos precursores, para depois nos determos nos autores propriamente ditos e concluirmos com os sucessores. Assim, como precursores são sem ter em conta a filosofia judaico-Alexandria, o gnosticismo e o platonismo médio; como autores são dignos de menção Amónio Sacas, Plotino e Porfílio; e como fruto do neoplatonismo surge a escola siríaca, a escola de Pérgamo, a escola Alexandria e o neoplatonismo romano.

### **2.5.1. A Filosofia Judaico-Alexandrina**

A divulgação do pensamento religioso hebraico entre os pagãos começou com a versão em língua grega da Bíblia realizada em Alexandria no reinado de Tolomeu Filadelfo (285-246 a.C.). A comunidade hebraico alexandrina, embora mantivesse contacto com Jerusalém, abre-se à cultura grega; tanto é assim que apareceu um certo filósofo hebreu de nome Aristóbulo (séc. II-I a.C.). O primeiro nome indica a helenização dos israelitas. O pensador hebreu mais célebre de Alexandria foi Fílon (finais do séc. I a.C. até 41 d.C.). É descendente de uma família de ilustres banqueiros. Foi até Roma para suplicar pelos hebreus. Com efeito, o governador Flaco tinha imposto que se colocassem estátuas pagãs e a imagem do Imperador nas Sinagogas. Isto suscitou uma grande reacção judaica. Filon fez duas súplicas defendendo os direitos religiosos hebraicos contra o sacrilégio que se estava a cometer pelo que parece, voltou à Alexandria sem conseguir o objectivo.

Procurou fazer uma síntese entre a Sagrada Escritura e a filosofia de Platão. Diz que a Bíblia é inspirada por Deus; para ser lida, é preciso usar símbolos, isto é, é preciso usar a alegria, nas passagens em que

o texto literal não convém a Deus. Para ele a Bíblia é uma filosofia alegórica. Fílon apresenta o universo em forma piramidal. No vértice da pirâmide está Deus. Entre o vértice e a base há muitos seres e os mais perfeitos são os que estão mais próximos do vértice. Deus e a matéria são eternos e incriados; os seres intermediários são criados: os seres espirituais são criados imediatamente por Deus; os corpóreos são criados com o auxílio dos espirituais. Isto porque Deus não pode tocar a matéria, que é indeterminada e informe. A parte inferior da pirâmide é ocupada pelas coisas corpóreas. A zona que limita as duas partes é ocupada pelo homem. Se este se comportar bem, com ajuda divina, pode subir até às Potências, ao Logos e ao próprio Deus. Contemplando o mundo invisível e o divino, o homem encontra a sua plena felicidade.

## 2.5.2. O Gnosticismo.

As doutrinas do gnosticismo são uma antecipação do neoplatonismo; é: que é o homem? Donde? Quem o liberta? Numa linha pessimista, o gnosticismo sustenta que o **homem é um decaído**. Os valentinianos, uma seita gnóstica, dizem que há três classes de homens: os "hylici", os "psíquicos" e os "pneumáticos" são os que recebem a salvação; por isso se afastam do sono e conhecem o divino. Esses são os eleitos, os perfeitos, os amados, os filhos do Não-gerado. O gnosticismo não é um sistema definido de doutrinas, mas um conjunto de opiniões. No que diz respeito à antropologia, diz que o homem é obra do maligno, gerado por um truque dos demónios, contra a vontade do absoluto. Nele há uma faísca divina: a alma; mas o corpo é mau. Condenam o casamento porque "é uma imitação do sacrilégio dos demónios que enganaram o Absoluto". Os gnósticos dizem que o homem não pode conhecer a Deus com a razão. Só divina revelação pode tirar o véu para fazer conhecer o Altíssimo. A ética gnóstica é severa. O gnosticismo diz que se o homem estiver em comunhão com a divindade por meio de ritos, poderá retornar ao princípio donde tinha saído. No Egito, por exemplo, havia adoradores de serpentes; adoravam serpentes vivas. Os gnósticos davam um lugar de destaque aos actos dos magos. O gnosticismo diz que há um saber racional (gnoses) superior à fé, do qual esta é apenas a versão popular posta em símbolos e comparações.

## 2.5.3. Platonismo médio.

Por volta do século II d.C., procura-se recuperar o genuíno pensamento de Platão, que, na época, atravessava um período de crise. As fontes para esse retorno a Platão são, sobretudo as suas obras "Timeo" e "República". Esse platonismo de recuperação não é o platonismo clássico. Também ainda é o neoplatonismo. Por isso este período é conhecido como o "médio platonismo". Compreende os filósofos que viveram desde o século I até ao século III d.C. São 23 nomes de filósofos; tais como: Albino (mestre de Galeno), o egípcio Amónio (mestre de Plutarco), Ático, Celso, Gaio, Severo, etc. As tendências do platonismo médio são: A recuperação do incorpóreo ou imaterial, contra o materialismo estóico-epicurista que vigorava na época; Reproposta da doutrina das Ideias; Releitura do "Timeo". Introdução ou valorização da demonologia, isto é, tratado sobre a natureza e influência dos demónios. Este pensamento é fruto de influências orientais e egípcias; Reproposta ética sob a base da

“assimilação em Deus”; Recuperação da transcendência fora de todo o dogmatismo. A ânsia religiosa e a forte aspiração à transcendência fazem pensar que o movimento se tenha desenvolvido originariamente em Alexandria e daí se propagou para as outras partes.

## 2.5.4. O Neoplatonismo e os autores.

**Ammónio Sacca** é uma figura cuja personalidade é problemática. Sabe-se que viveu em Alexandria. Saca significa estivador do porto. Isto levanta um primeiro problema: seria mesmo um estivador ou é um nome de origem indiana que significaria uma personalidade como Buda? Há três discípulos de Ammónio: Orígenes, Erénio e Plotino. Plotino é o principal expoente do neoplatonismo. Nasceu em Licópolis, no Egito no ano 205. Em 245 transferiu-se para Roma. Morreu em 270. Os seus escritos foram recolhidos pelo seu discípulo Profírio, tendo a obra recebido o nome de **Enéadas**. Iam às suas aulas todos aqueles que quisessem: senadores, jovens, cristãos, apóstatas, gnósticos, espiritistas. Na sua reflexão filosófico-religiosa, Plotino tem em vista o Absoluto e o nosso relacionamento com Ele. Para ele não há dúvida de que o Absoluto existe. Basta olhar para o universo e ele fala do Absoluto. **A este Absoluto, Plotino dá o nome de Uno**. Este é simples e transcendente. Não tem qualidades positivas, porque, segundo Plotino, atribuir uma qualidade positiva ao Uno significaria reconhecer nele uma composição; e isto seria rebaixá-lo ao nível das criaturas. Ao Uno não se atribui nada: nem o ser, nem a vida, nem a virtude, nem o pensamento. Não se move nem está em repouso. Transcende tudo: a forma, o movimento, o repouso. O Uno é inominado porque não sabemos dizer nada a seu respeito; o que fazemos é tentar dar alguma indicação a respeito dele e apenas para o nosso uso.

Todas as coisas derivam do Absoluto mediante o processo de emanção, isto é, não por criação mas por geração. Nesse processo há uma ordem: primeiro são geradas as coisas mais perfeitas e depois as menos perfeitas. Assim, temos primeiro a inteligência vem a Vida; procede a Alma universal e desta as almas dos homens. A última emanção que procede do Uno é a matéria. É a emanção mais baixa e por ser a realidade que se encontra mais distante do Uno, é má. Por ser última emanção, a matéria é um quase-nada; conseqüentemente é fonte do mal, da caducidade, da ignorância e da morte. No entanto não é o mal absoluto; é, sim, a negação do bem, como as trevas são a negação da luz. Para além do processo de emanção, Plotino fala também dum processo de retorno mediante o qual as coisas ficam reabsorvidas no Uno. No caso do homem, o retorno torna-se possível porque a alma tem uma tensão natural e originária para o Uno; essa tensão cria nela um sentimento de desgosto por tudo o que é múltiplo e mutável.

Para realizar o processo de retorno o homem percorre três etapas:

**a)- Ascese:** o homem liberta-se do demónio do corpo e dos sentidos mediante o exercício das quatro virtudes cardeais. Para ele, o homem deve ser sempre optimista porque tem toda a força para atingir o Uno. A virtude não é ascese interior; é uma energia física. Para obter a virtude não é preciso rezar; é preciso lutar. Justiça, fortaleza, prudência, temperança são virtudes que se tornam cada vez mais intensas à medida que a alma se afasta do mundo sensível.

**b)- Contemplação:** que consiste no conhecimento do Uno mediante a filosofia. Inicialmente a alma admira a beleza sensível; esta leva-a a olhar para a beleza que está por detrás da beleza sensível; é a beleza das obras belas, dos bons costumes. Num terceiro momento a alma contempla a beleza do alto. Nessa altura não haverá mais nenhuma tensão amorosa; a alma se unirá misticamente ao Uno. E assim atinge a terceira etapa.

**c)- Êxtase:** que é a união mística e imediata com o Uno. Por esta última etapa, a alma supera o conhecimento filosófico, une-se ao Uno e com ele se confunde. O itinerário das virtudes sublima-se no êxtase que consiste num processo de absorção no Uno. Plotino compara esta etapa com aquele que entra no Templo. Diz que quem entra no Templo, primeiro começa a observar as imagens sagradas; mas depois abandoa-as e une-se misticamente a Deus. Igualmente quem atinge o êxtase, atingiu a fase em que a praxe e a teoria terminam e se dá a união que transcende toda a linguagem humana. Vê-se que Plotino conseguiu superar o pluralismo platónico e aristotélico que admitia uma multiplicidade de princípios eternos e diz que toda a realidade tem uma só origem: origem divina. Plotino harmoniza fé e razão. Quanto à ética, Plotino ensina que o fim do homem é Deus. Apesar desses pontos positivos, há outros não muitos claros. Assim, por exemplo, sublinha muito o aspecto negativo na concepção de Deus, o que leva a omitir o aspecto positivo; a doutrina da emanção obscurece um bocado a onipotência de Deus.

**Porfírio. Dos seguidores mais ilustres de Plotino, salientam-se Porfírio (232-303) e Proclo (410-485).** Porfírio nasceu na Síria. Conheceu Orígenes cristão em Cesareia. Quando tinha 30 anos de idade foi para Roma e aí conheceu Plotino, tendo-se tornado seu discípulo e colaborador fiel. Foi ele que recolheu e ordenou as lições de Plotino. O encontro com Plotino fez com que Porfírio descobrisse e aprofundasse a doutrina sobre o itinerário da alma para Deus. Conhecia as doutrinas religioso-místicas e os mitos orientais. Na sua sistematização lógico-ontológica diz que é possível aproveitar-se dessas doutrinas, entendidas simbolicamente, para converter a alma e libertá-la de tudo aquilo que aprende ao sensível. O seu discípulo

jâmblico desenvolverá estas teses. Ele faz uma sistematização teórica da magia e de teurgia no quadro da filosofia neoplatônica.

O raciocínio dele era o seguinte: uma vez que toda a realidade está constituída segundo uma ordem escalar em que as forças espirituais de natureza divina ocupam o primeiro lugar, e por isso se diz que " tudo está cheio de deuses", o homem deve fazer com que tais forças lhe sejam favoráveis; e fará isso com práticas de inovação e oração. A teurgia é exactamente o complexo destas práticas rituais e por ela se chega à contemplação da divindade, à teologia. Através da teurgia é possível que o homem, com o favor dos deuses, se purifique do mundo sensível, se liberte da fatalidade e se eleve ao mundo inteligível até atingir a "razão eterna", o "demiurgo universal". As conclusões platónico-religiosas respondiam à exigência cosmopolita e universalística do império, espelho da múltiplice unidade, religiões diversas, concepções e culturas de gente diversa. Nesta linha, o Cristianismo que entra nesse ambiente e se afirma como única e verdadeira religião, aparece como revolucionário e politicamente perigoso para o Império. E numa altura em que se falava apenas dum Deus invisível, ele ensina que Deus encarnou, fez-se homem para salvar os homens. Para um intelectual grego isto era absurdo, repugnava à razão. É por isso que Marco Aurélio, Plotino, **Porfírio e Celso escreveram contra os cristãos.**

**Os epígonos neoplatónicos. A escola de Atenas.** Jâmblico é sírio; nasceu entre 245 e 250 e morreu em 330. Foi herdeiro do pensamento de Porfírio, não por ter seguido as suas lições, mas por se ter inspirado em suas obras. A um determinado momento Jâmblico, rompe as relações com Porfírio. Escreveu muito; publicou vários comentários a Platão e a Aristóteles. Ensinou filosofia na Síria. Procurou conciliar a filosofia com a religião pagã, e mais: procurou fornecer uma justificação teológica para o politeísmo corrente. Jâmblico afirma que a união com os deuses não depende apenas das forças humanas, mas também de um dom divino obtido com a prática teúrgica.

O sucessor de Jâmblico, chamado Teodoro de Asine, modificou a doutrina do mestre, deixando cair o aspecto teúrgica. Com ele também acabou a escola Jâmblica. O discípulo de Teodoro, Edésio, mudou-se para Pérgamo e aí deu vida à escola filosófica. Esta tornou-se ainda mais célebre quando o príncipe Juliano se juntou a ela. Um certo Plutarco (+ 432) fundou uma verdadeira escola neoplatónica; comentou Platão e Aristóteles. Foi depois sucedido por Siriano e este por Proclo. Quando Juliano se tornou Imperador, quis impor ao Sol Invicto, Intermediário entre o mundo inteligível e o mundo sensível, o culto a Átis, a Asclépio salvador, contraposto a Jesus, a deusa Cibeles. Isto tudo mostra quão empenhado estava Juliano a combater os



Cristãos, a quem chamava “galileus”. Nesse mesmo espaço de tempo, surge Proclo em Atenas. Nasceu em Constantinopla em 412 e morreu em Atenas em 485. Aprofundou a linha neoplatónica da escola. Escreveu muitíssimo. Elaborou teorias emanacionísticas, partindo da tríplice forma de acesso à divindade: mito, filosofia, fé, mediante a fantasia, razão e êxtase. Portanto propôs-se ampliar e desenvolver a teoria plotiniana das emanções. Procurou conciliar Platão e Aristóteles. Depois de Proclo houve outros mestres na escola.

**A escola de Alexandria e a escola romana.** A primeira escola neoplatónica foi aberta oficialmente em Alexandria por Hipásia, filha do sábio Teão. Em Alexandria os intelectuais pagãos gozavam de certa estima por parte dos cristãos, o que não sucedia em Atenas. Apesar disso não faltavam factos de intolerância religiosa. Por exemplo, um recém-convertido ao Cristianismo foi executado sumariamente por estudantes pagãos, pelo facto de negar publicamente e de ter rido de uma deusa pagã. Hipásia foi morta pelos cristãos em 425. Mas duma maneira geral, o clima entre as classes cultas era de neutralidade religiosa. É por isso que, depois que se fechou a escola de Atenas em 529, se continuou a ensinar filosofia em Alexandria. Pertencem a esta escola nomes como João Filopono (cristão), Amónio de Hermeias (pagão), Hiérocles (pagão), o bispo Sisénio de Cirene. Há também certo Mário Victorino que se converteu ao Cristianismo no século IV. Foi colega e mestre de Santo Agostinho. Traduziu algumas obras de Porfírio e de Aristóteles. Vazio Protestado foi pagão, comentador de Aristóteles. Macróbio foi um grande escritor latino; comentou o “Somnuim Scipionis” de Cícero, em termos neoplatónicos.

### 3.FILOSOFIA MÉDIA OU MÉDIAVAL (SÉCULO VII)

A Filosofia Medieval é precedida pela **Filosofia Patrística** (séc. I-VII) de Santo Agostinho de Hipona, que inclui a doutrina dos padres da Igreja, os apologetas, que faziam a apologia do **Cristianismo**. Estão aqui inclusas a escola neoplatónica de Alexandria, São Clemente de Alexandria e Orígenes. Surge com eles a noção desconhecida pelos gregos antigos, de VERDADES REVELADAS. Por outro lado, houve também no período da Idade Média, resistência ao uso da Filosofia pagã grega e, esse conflito entre RAZÃO e FÉ, que marcou a Filosofia Medieval. O pensamento medieval distingue-se radicalmente do pensamento da Grécia Antiga pela PREPONDERÂNCIA DO CRISTIANISMO, que como ESTRUTURA SOCIOPOLÍTICA E RELIGIOSA, estabelece os parâmetros dentro dos quais a Filosofia pode se desenvolver.

A **Idade Média** foi por muito tempo entendida como a **Idade das Trevas**. A expressão indica que, durante esse período, não se produziu nada de muito importante, não apenas em Filosofia, mas também nas Artes em geral, quando comparado com a **Grécia e Roma** antigas, de um lado e, a **Idade Moderna**, de outro lado. Todavia, esse conceito tem aos poucos mudado e, estudos têm mostrado que, na verdade, não se trata de um período tão pobre intelectual e artisticamente, já que nessa época também se falou consuetudinariamente do movimento de renascença que inclui o chamado CAROLÍNGIOS, durante o reinado de Carlos Magno, no século XIII. Isto levou a classificar, ou distinguir a Idade Média em duas partes: A BAIXA IDADE MÉDIA E A ALTA IDADE MÉDIA (Ibidem, 2010: 64). BAIXA IDADE MÉDIA: vai de aproximadamente 400 (final da decadência de Roma) até 800. Em muitos Aspectos ela representou uma volta ao BARBARISMO, com uma baixa sensível da actividade intelectual e económica; ALTA IDADE MÉDIA: começa com a RENASCENÇA CAROLÍNGIA, do século IX e vai até o final do século XIII, com realizações consideráveis na literatura, na filosofia e na arte e um alto grau de prosperidade e liberdade.

Com a destruição do IMPÉRIO ROMANO e as INVASÕES BÁRBARAS, houve uma alteração radical na organização sociopolítica e intelectual. A organização sociopolítica era baseada em relações servis; a sociedade era composta basicamente por três classes ou testamentos: **a nobreza, o clero e os servos**. Na Idade Média as ARTES eram divididas em TRÍVIO (liberais): Gramática, Dialéctica, Retórica e QUADRÍVIO (matemáticas): Aritmética, Geometria, Música

e Astronomia. Mas esses conhecimentos eram considerados PROFANOS, já que a Idade Média foi dominada pela TEOLOGIA. A Igreja tornou-se a instituição detentora do SABER, e a FÉ estabeleceu-se como PADRÃO do CONHECIMENTO. Ou seja, todas as formas de conhecimento estavam ao serviço da TEOLOGIA: a Filosofia, a Dialéctica, a Gramática. A Gramática, por exemplo, era usada como melhor recurso para a compreensão das escrituras.

Os mitos medievais (mitos bíblicos): ETIOLÓGICOS: que tratam da origem do Mundo, do Homem, dos fenómenos naturais e sociais. HIEROFÂNICOS: que narravam as manifestações de personagens divinas ou semidivinas, heróis e feiticeiros. MESSIÂNICOS: que apresentavam personagens históricas ou imaginárias, como salvador da sociedade cristã. ESCATOLÓGICOS: que criticavam o presente histórico, descrevendo fenómenos ou personagens ligadas ao fim dos tempos. EDÉNICOS: que falavam do ÉDEN perdido ou de um paraíso a ser recuperado ou conquistado. (Ibidem, 2010: 65) Dentre os filósofos medievais, duas figuras e duas escolas destacam-se: **Santo Agostinho de Hipona**, com **Patrística** e **São Tomás de Aquino**, com a **Escolástica**.

### 3.1. Patrística: Santo Agostinho

Santo Agostinho sofreu influências da Filosofia platónica, evidentes no seu pensamento dualístico. **Separa a razão da fé.** Autor da Cidade de Deus (Civita Dei e Civita Terrena) e da Confissões. É dele a máxima: "noli foras ire, in teipsum redi: in interiore homine habitat veritas." Isto é, "não procura fora. Entra em ti mesmo: no homem interior habita a verdade."

### 3.2. A Escolástica: São Tomás de Aquino

Com São Tomás de Aquino, o mais importante filósofo-teólogo medieval o cenário da Idade Média começa a mudar: Já se podia ler traduções dos gregos, particularmente de Aristóteles; A liberdade de espírito e de pensamento surge nas Universidades, no século XIII, representando o deslocamento dos centros de estudos das Abadias para as Catedrais e as Cidades; Surgem as primeiras monarquias nacionais; Ressurgem e desenvolvem-se as cidades; Alguns movimentos realizam reformas no catolicismo; As ordens de Frades, principalmente a dos Franciscanos e a dos Dominicanos, pregam a simplicidade, acabando por influenciar o próprio ambiente universitário. Tudo isso colocou em xeque a doutrina cristã. E nesse cenário, a obra de Aristóteles mostrou-se mais adequada que a de Platão. Autor da **SUMA TEOLÓGICA**, sua magistral obra, na qual **unifica Filosofia e Teologia, ou seja, a Razão e a Fé.** Nesta senda, começa-se a desenhar o **FIM DA IDADE MÉDIA**, principalmente com Duns Scott e Guilherme de Ockham, que exercitavam a **separação da Filosofia e Teologia**, lançando as bases para o progresso **CIENTÍFICO DA IDADE MODERNA.** Guilherme de Ockham era conhecido pela sua famosa Navalha, ou seja, a **NAVALHA DE OCKHAM**, ou a **LEI DA PARCIMÓNIA**, expressa nos seguintes moldes: "**não multiplicar entes sem necessidades**" (Ibidem, 2010: 66-70)

## 4. FILOSOFIA MODERNA/A FILOSOFIA DA RENASCENÇA (SÉC XIV-XVI)

O **Renascimento** ou a **Filosofia de Renascença** representa o **FIM DA IDADE MÉDIA** e o **SURGIMENTO DA IDADE MODERNA**. O **Renascimento** é considerado como um movimento essencial na história da razão ocidental; com o **Renascimento** o **homem** volta a ocupar o lugar central do **pensamento**, por isso, é possível falar em **Humanismo Renascentista**. Muitos acontecimentos se fizeram sentir nesta época: A utilização do **papel** em substituição dos **pergaminhos**; A **democratização** da **cultura** e o humanismo renascentista; O **progresso** da **ciência**, como por exemplo, a substituição da visão **geocêntrica** pela **heliocêntrica**; O surgimento das **línguas nacionais** em substituição do **latim**; A Reforma Protestante associada a interesses comerciais, com Lutero, na Alemanha, Calvino, na Suíça, Henrique VIII, na Inglaterra e Jonh Knox, na Escócia, contribuindo para um clima de maior **TOLERÂNCIA RELIGIOSA** e maior **INDIVIDUALISMO**. **Maiores expoentes**. Nicolau de Cusa (1401-1464); Giordano Bruno (1548-1600): defensor do Heliocentrismo do polonês Nicolau Copérnico. Condenado a morrer na fogueira; Erasmo de Roterdã: precursor pelo surgimento das Universidades; Thomas More: igualmente contribuiu para o surgimento das Universidades; Leonardo da Vinci; Galileu Galilei; Francis Bacon; William Shakespeare.

## 5.IDADE MODERNA (SÉC XVI)

A Idade Moderna é precedida pelo **Renascimento**. À pergunta dos antigos: “o que é o real?” A Filosofia Moderna pergunta: “como é possível o conhecimento do real?” René Descartes, matemático e filósofo, é considerado o marco da Filosofia Moderna, com a sua reflexão que chega à famosa frase: “**Cogito, ergo sum, ou seja, penso, logo existo**”. Descartes defende a **razão** como princípio do conhecimento. Autor das obras: Discurso sobre o Método, As Meditações. É conhecido como racionalista

**O Método Cartesiano.** A dúvida é o método adequado para a descoberta da verdade. O discurso do método de René Descartes: O primeiro (**intuição**) nunca aceitar algo como verdadeiro que eu não conhecesse claramente como tal; ou seja, de evitar cuidadosamente a pressa e a prevenção, e de nada fazer constar de meus juízos que não se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito que eu não tivesse motivo algum de duvidar dele. O segundo (**Análise**), repartir cada uma das dificuldades que eu analisasse em tantas parcelas quantas fossem possíveis e necessárias a fim de melhor solucioná-las. O terceiro (**Síntese**), conduzir por ordem meus pensamentos, indicando pelos objectivos mais simples e mais fáceis de conhecer, para elevar-me, pouco a pouco, como galgando degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e presumindo até mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros. E o quarto (**Enumeração**), efectuar em toda parte relações metódicas tão completas e revisões tão gerais nas quais eu tivesse a certeza de nada omitir. O método cartesiano consiste na recusa de qualquer fundamento, princípio ou verdade recebida da tradição e da experiência. O sujeito, segundo Descartes, deve fundar as bases e as condições para a construção do conhecimento. Um dos princípios lógicos que Descartes adoptou em seu exercício é o de não admitir como verdade qualquer coisa que pudesse ser colocada em dúvida - é a denominada dúvida metódica - até que se atinja uma certeza inquestionável, que se traduz na sua máxima filosófica: “penso, logo existo”. Outros nomes que se destacaram: Thomas Hobbes, Spinoza, Leibniz.

Dentre os movimentos ou correntes da Filosofia Moderna merecem destaque:

**O Empirismo** (Inglês): que defende a teoria segunda a qual todo o conhecimento provém da **experiência**. Por outras palavras, defende que todos os nossos conhecimentos começam com a experiência.

(Expoentes máximos: John Locke, George Berkeley, David Hume e John Stuart Mill).

**O Idealismo** (Alemão): defende que a **razão** é determinante na construção dos conhecimentos. (Expoentes máximos: Immanuel Kant, Georg).

**O Iluminismo** (Francês, séc. XVIII): que estabelece a crença na **razão**, como instrumento para o ser humano e a sociedade alcançarem a liberdade e a felicidade. Apesar de tudo, o iluminismo procura conciliar o empirismo e o racionalismo. Também é conhecido como o **Século das Luzes**. Os principais temas explorados pelos filósofos iluministas são: Ciências, Psicologia, Teoria do Conhecimento, Religião, História, Direito, Estado (mormente com Montesquieu e Rousseau) e Estética.

Os principais e exímios representantes do iluminismo são: Jean-Jacques Rousseau, Voltaire, Montesquieu, Diderot, D'Alembert; também conhecidos como **Enciclopedistas**. **A ENCICLOPÉDIA** foi publicada entre 1751 e 1772, editada por Diderot, com **verbetes** de mais de 140 colaboradores. Pretendia ser a síntese do SABER da época e chegou a 28 volumes, mais de 70 mil artigos e quase 3 mil ilustrações, incluindo informações sobre Filosofia, Artes, Ciências e Tecnologia. Os ideais do Iluminismo tiveram influência na Declaração da Independência dos Estados Unidos de América (1776), na Revolução Francesa (1789) e na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

## 6. FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

É difícil categorizar ou separar em escolas a Filosofia Contemporânea, pois seus autores e suas obras estão muito próximos de nós, faltando-nos o distanciamento necessário para uma melhor avaliação. De qualquer maneira, podemos lembrar que vários acontecimentos marcaram a história contemporânea e, conseqüentemente, sua Filosofia. Copérnico já havia abalado a crença de que a Terra era o centro do universo. Charles Darwin (1809-1882), autor de *Origem das Espécies* (1859), com sua teoria da evolução, que defende que as espécies biológicas desenvolvem-se primordialmente por variações casuais e seleção natural, já havia abalado a crença de que os homens eram seres separados da evolução dos animais.

A teoria da relatividade embaralhará nossa visão de tempo e espaço, a psicanálise colocará em xeque a crença de que actuamos de acordo com nossa consciência, o marxismo mostrará que nossas decisões são determinadas por condições materiais e relações de poder, a inteligência artificial virá questionar se a inteligência humana é a única forma de inteligência possível e a engenharia genética nos apontará um mundo em que será possível clonar seres humanos, influenciando decisivamente em seu futuro antes mesmo de seu nascimento. Além disso, é importante lembrar que no século passado vivemos duas grandes guerras mundiais, o que também reflectiu na Filosofia. E, por fim, o impressionante desenvolvimento das ciências naturais também marcará o pensamento contemporâneo (Mattar, 2010: 86). Expoentes máximos: Arthur Schopenhauer, Henri Louis Bergson, William James, John Dewey, Friedrich Nietzsche e tantos outros.

Para além dos acontecimentos afluídos acima, que fazem o mundo da Filosofia Contemporânea, destacou-se também a escola de Frankfurt. Em **1924**, foi fundado o Instituto de Pesquisas Sociais em Frankfurt, conhecido como **Escola de Frankfurt**, com origem na Alemanha. Desenvolveu a **Teoria Crítica e a Razão Instrumental**. Adorno, Marcuse e Herkheimer referiram-se à expressão **Razão Iluminista**. Segundo estes autores, a Razão Iluminista nasce quando o sujeito do conhecimento toma a decisão de que conhecer é dominar e controlar a Natureza e os seres humanos. Nos pressupostos da Escola da Frankfurt, a **Razão Instrumental** está no facto de que o conhecimento científico não estava ser usado para a emancipação do homem, mas como meio de dominação. Essa era a crítica na qual se focava a Teoria Crítica. Na medida em que o homem ficava reduzido a apenas o aspecto económico e a luta de classes, o objecto da ciência era entender esse contexto e buscar soluções para os conflitos.



(Mattar, 2010: 94). Embora tenha havido expressões de conhecimento no **Oriente** e na **África**, a maior parte dos **historiadores** considera que a **Filosofia**, entendida como um conhecimento racional e sistemático, tenha-se iniciado na **Grécia**, no século VI a.C. A história da Filosofia gira em torno de quatro períodos: Filosofia Antiga, Filosofia Média, Moderna e Filosofia Contemporânea.

## 7. DESENVOLVIMENTO DA FILOSOFIA AO LONGO DOS TEMPOS.

A filosofia não nasceu de um dia para outro, ela teve de fazer um grande percurso ao longo dos tempos, desde o mais simples pensamento até ao mais racional e sistemático pensamento o qual vemos hoje. Para maior compreensão do seu desenvolvimento, vamos distinguir as várias épocas ou períodos em que passou a filosofia até chegar aos nossos dias.

Em consonância com REAL E ANTISERI (12-14), a Primeira época compreende toda a reflexão da antiga Grécia, o chamado período clássico, que vai desde os séculos IV a.C., até 529 d. C no ano que o imperador Justino Clausura as escolas pagãs e ordena a perseguição de seus seguidores. E dentro dela distinguimos ainda os seguintes períodos. *O período naturalista*, caracterizada pelo problema da *physis* e do cosmos (os Jónicos, os Pitagóricos, os Pluralistas e os Ecléticos).

*O período chamado humanista* que em parte coincide com a última etapa dos naturalistas e sua dissolução. Seus protagonistas são: Sofistas e sobretudo Sócrates, que pela primeira vez tenta definir a essência do homem. O momento das *grandes sínteses de Platão e Aristóteles* (Século IV a.C.) caracterizado pelo conhecimento do supra-sensível. *As escolas helénicas*, que envolve desde a grande conquista de Alexandre Magno até ao final da era pagã e que além do florescimento do cinismo aparecem movimentos como os de Epicuro, estóicos, cépticos e ecléticos. *O período religioso do pensamento antigo pagão*, sobretudo o renascimento do neoplatonismo com Plotino. Durante este período se desenvolve o pensamento cristão que se propõe formular racionalmente o dogma da nova religião e defini-lo à luz da razão com categorias que vêm dos filósofos gregos.

**Época Medieval** desde o século VII à XIV. Abrange pensadores europeus, árabes e judeus, é o período em, que a igreja romana dominava a Europa. Divide-se em duas grandes épocas:

a) **A Patrística:** dos séculos III a VI d. C. reelaboração da doutrina Cristã com fundamento puramente racionais, isto é, a luz da razão. No entanto destacam-se Origines (185- 253), Gregório de Nisa, Clemente de Alexandria, Justino e o celebre Agostinho de Hipona (354-430).

b) **A Escolástica:** séculos XI a XIV. Teve como lema principal o binómio razão e fé. A razão é serva da Fé " *credum ut intelligam, intelligam ut credum*". Este também constitui o programa fundamental de pesquisa, que vai do uso acrítico da razão e da consequente

aceitação da doutrina cristã com base na autoridade às primeiras tentativas de penetração racional na revelação e as construções sistemáticas vêm e interpretam as verdades cristãs de forma argumentada. Destacaram-se João Escoto Erigena, Anselmo de 1033-1109), João de Salisbury, Pedro Abelardo (1097-1142), Guilherme de Ockham, Boaventura (1221-1274), Alberto Magno (1207-1280) e a grande figura Tomás de Aquino (1225-1274)

**A Época Moderna** dos séculos XIV a XVII. Manifestado através de uma série de períodos que são: a Renascença, Racionalismo, Empirismo e o Iluminismo.

a) **A Renascença** dos séculos XIV a XVI. É marcada pelo retorno à época Clássica, aos antigos Platão e Aristóteles. Distingue-se pela concepção imanentista, humanista ou naturalista que é potencialmente afirmada e vivida (A Renascença é caracterizada pelo antropocentrismo, reforma protestante, contra reforma e inquisição). Destacam-se Macílio Facino (1433- 1449), Giordano Bruno (1568-1639), Campella, Maquiavel (1464- 1527), Montaigne, Erasmo de Roterdão (1467- 1536), Tomas More (1478- 1539) Kepler, Nicolau de Cusa (1401- 1464), etc.

b) O **Racionalismo** abrange os séculos XVII e XVIII. Indagação crítica, não para demolir aquelas intuições revolucionárias, mas para dar-lhes uma sistematização lógica. Deu-se na França, teve como iniciador Descartes (1596- 1694), também destacam-se: Blaise Pascal (1623- 1662), Kepler (1571- 1634), G. Galileu (1662), G. Leibniz (1645- 1716), Malebranche (1638- 1715) e B. Spinoza (1632- 1677). O racionalismo teve como objectivo, o anseio a uma orientação crítica e gnoseológica, isto é, o valor do conhecimento. Com efeito, deu grande importância no método "Ta mathema" isto é, o conhecimento completo racional de ponta a ponta.

c) O **Empirismo** séculos XVII e XVIII. Teve início na Inglaterra com Francis Bacon (1561-1626), Tomás Hobbes (1588- 1679), Jorge Berkeley (1685- 1753), David Hume (1711- 1776), Jonh Locke (1632-1704) etc. No entanto, devemos ressaltar ainda que o racionalismo e o empirismo têm estreitas relações com as ciências naturais e exactas (física, astronomia, mecânica, matemática, etc.) que atingiram grande desenvolvimento, dado o interesse da civilização e do pensamento moderno pela experiência. *O empirismo é preso no método indutivo e experimental. O racionalismo é atraído pelo ideal físico-matemático, quantitativo- mecanicista.*

d) O **Iluminismo** Séculos XVII- XIX. É o movimento cultural europeu que se desenvolveu no século que media entre a revolução Inglesa (1688) e a revolução Francesa (1789) o seu nome deriva do

intento de iluminar o povo mediante a razão, contra o obscurantismo da história, da tradição, da sociedade política e religiosa. Crê nos poderes da razão. Destacaram-se João D'Alembert (1717- 1783), Denis Diderot (1713- 1784), Estêvão Condillac (1715- 1780), Jean Jacques Rousseau (1712- 1778), Cristian Wolff (1679- 1754), Ephraim Lessing (1729- 1781), João Baptista Vico (1668- 1744), Nicolau Spedalieri (1740- 1795). Portanto, a época moderna vai desde o século XVII a meados do Século XVIII. Conhecido como o grande racionalismo clássico marcado por três grandes mudanças Intelectuais. Tem como características principais: *A total autonomia da pesquisa filosófica em relação à Teologia; O pluralismo bastante acentuado das perspectivas filosóficas; O progressivo desinteresse pela metafísica; O antropocentrismo cada vez maior espaço na reflexão filosófica, o homem é o centro de tudo e não Deus.*

**A Época Contemporânea** segundo Battista MONDIN (2011: 52-54), abrange o pensamento filosófico que vai de meados do século XIX e chega aos nossos dias. Marcado por vários acontecimentos políticos, sociais, económicos, literários, religiosos etc.

*No campo político:* destaca-se a revolução francesa (igualdade, fraternidade e liberdade) entre as várias classes sociais. As guerras nacionais pela conquista da independência, primeiro na Europa (Itália, Grécia, Polónia, Irlanda...) depois na América Latina e posteriormente na Ásia e África. Os dois grandes conflitos mundiais pelos seus cadastros e sequelas de destituições e mortes, angústia e sofrimento. Levou a conciliação dos governos a manterem mútuas relações e entendimento para encontrar o fim em soluções pacíficas dos problemas que os afligem.

*No campo social:* marcado pelo fim do individualismo e afirmação de uma socialização extensiva; o conhecido fenómeno da Globalização e suas implicações (na comunicação, os média como jornal, telefone, telemóveis, rádio, televisão, Internet etc. cada vez mais desenvolvidos tecnologicamente) o rápido desenvolvimento dos meios de transporte etc. De uma nova visão do mundo e criou novas formas de relação interpessoal.

*No campo cultural:* assistimos grandes mudanças, o património da antiga Europa encontra-se em crise, tudo é levado á censura: a religião, a arte, a moral, o ensino, e até a própria filosofia. Foram rejeitados os critérios da educação, os princípios da moral e da religião, a literatura... É submetido a uma crítica minuciosa e radical. Introduz uma nova forma de arte, a religião (a liberdade religiosa), na literatura, cinema, no teatro, na educação (maior abertura). Na ciência e técnica

deu grandes resultados espetaculares e seu contínuo aperfeiçoamento conseguiram salvar-se de muita fúria devastadora do mundo hodierno.

As características marcantes da contemporaneidade são: *A instabilidade e mutabilidade; o anti dogmatismo e secularização; o ateísmo e Activismo; utopismo e sociabilidade; Historicidade; desorientação e insegurança.* Com efeito, o homem hodierno é desorientado, não consegue encontrar parâmetros válidos sobre os quais fundar seus juízos. Não sabe distinguir mais entre o bem e o mal, verdadeiro e falso, belo e feio, justo e injusto... Não tem segurança de nada. O surgimento de novas correntes e movimentos filosóficos tais como: o Idealismo Alemão, Positivismo, irracionalismo, Vitalismo, Anti positivismo, Espiritualismo, Existencialismo, Estruturalismo, Fenomenologia, Epistemologia, Neopositivismo etc.

O homem contemporâneo é caracterizado pela instabilidade e mutabilidade «o ritmo vertiginoso no qual a ciência e a técnica mudaram a face da terra nos últimos dois séculos, prendeu em suas engrenagens o seu artífice e o arrasta para modos sempre novos de ver e agir», antidogmatismo «uma aversão por tudo o que lhe foi transmitido e por toda forma de tradição», secularização «o homem contemporâneo acredita que pode resolver os seus problemas sozinho, prescindindo de Deus», activismo «é orientado para acção: fazer, produzir, trabalhar e não tem mais tempo para pensar, meditar e contemplar», utopia «levado pelo progresso técnico e científico e por prosperidade cada vez maior, chegou a uma confiante e optimista do futuro e sonha com uma plena e perfeita felicidade para todos os dias não muito distantes», angústia, socialidade «economia e política» e historicidade «o seu ser, a sua cultura, os seus projectos e os seus ideais não são produto da natureza nem de Deus, mas resultado de sua acção através dos séculos».

O homem contemporâneo é vítima de poder, prazer, consumismo e egoísmo, tendo mesmo arruinando as suas características na cultura, o valor, a pessoa, a família e o Estado. Portanto, por via disso tudo, a desorientação tornou-se a característica típica na sociedade contemporânea. Por consequência, o homem é desorientado e inseguro; perdeu a referência que lhe servia de orientação e não consegue mais encontrar parâmetros válidos sobre os quais fundar seus juízos. Não sabe mais distinguir entre o bem e o mal, falso e verdadeiro, belo e feio, justo e injusto, útil e prejudicial. Não sente mais segurança em nada; não tem mais um ponto de apoio; vive como suspenso no vazio e as antigas certezas culturais e morais jazem por terra «os valores sobre os quais se fundava a nossa civilização foram como que esmagados e dissolvidos». A época contemporânea considera profundamente o homem como ser social, digno de todo

respeito e valor. Acentua-se a importância da linguagem e das outras dimensões humanas fundamentais, quase sempre descuradas da filosofia, no caso da cultura, da ciência, do desporto, da comunicação.

## **SOU APENAS EU:SUN, ERGO SUM: SOU, LOGO EXISTO-RICARDO YEZA**

Ora então em Hipona, actual Argélia, alguém teria dito que “Se Fallor, Ergo Sum” que nos leva a dizer em lusitano: **Se Falho ou Erro, Então Existo**. Trata-se de Aurelius Augustinus, a.k.a Santo Agostinho (354-430). Com o andar dos tempos, na Gália, actual França, surgia o “Cogito, Ergo Sum” de Renatus Cartesius a.k.a René Descartes (1596-1650) **Penso, Longo Existo**, posso duvidar de tudo, mas de mim mesmo não posso duvidar só pelo facto de pensar. Karl Heinrich Marx (1818-1883) na Inglaterra afirmara “Manduco, Ergo Sum” **Como, Logo Existo**. O homem é aquele que come. Leopold Sedar Senghor (1906-2001) em Senegal condisse “Vivo, Ergo Sum” **Vivo Logo Existo**. Dir-se-ia antes que viver o agora é o momento mais sublime dos africanos. Não sendo uma fórmula de conhecimento científico, mas de impulso social.

Já no final do século XX, surgia Ricardo Yeza, que se deitou na mesma esteira, para não marcar a diferença, que afirma e confirma “Sum, Ergo Sum”! **Sou Logo Existo**, o meu ser é que define a minha existência. Não confunda com, segundo a Sagrada Escritura, no Monte Sinai, “Ergo Sum Qui Sum” Eu Sou Quem Sou (palavras de Deus a Moisés). Não é em vão que Tales de Mileto (645-558) teria dito: “A Coisa Mais Difícil é **CONHECER-SE A SI MESMO**” e Sócrates (469 a.c-399 a.C.) o tomou como seu lema: “Nosce Te Ipsum” **Conhece-te a ti mesmo**. O mesmo lema encontramos no livro de Cícero (Tusculanarum,1,22,52). O nosso caríssimo Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) na Alemanha, condisse-nos: “**Torna-te quem és**”. Pois, certas vezes, **é difícil sermos o que somos**. Portanto, se tu não és o que pareces, então pareças o que és, pois mais vale sê-lo que parece-lo mas para parecê-lo e não sê-lo, vale mais não sê-lo.

## REFERENCIAS

CHAUÍ, M. (1994). *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática.

FRAILE, Guillermo (1990). *História de la Filosofia I Grécia e Roma*, 6ª edição, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid.

MARCONDES, D. (1998). *Iniciação à História da Filosofia*. 2ª Edição. São Paulo: Editora JZE.

MATOS, O. C. F. (1993). *A escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo*. São Paulo: Editora Moderna

MATTAR, J. (2010). *Introdução à Filosofia*. São Paulo: editora Pearson Prentice Hall.

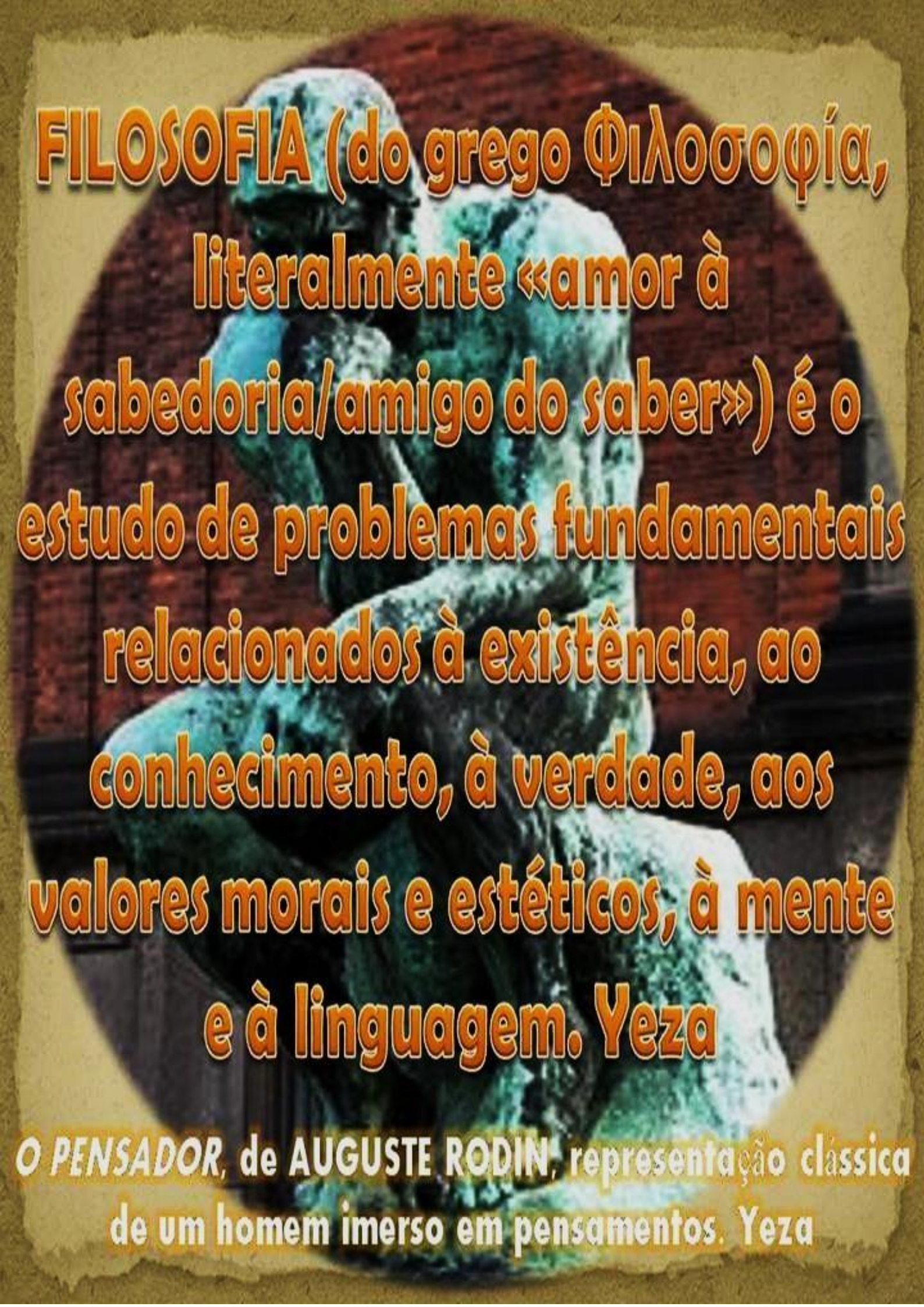
MONDIN, Battista (2011). *Curso de Filosofia. Os filósofos do Ocidente vol.I*, Paulus, São Paulo.

REALE, Giovanni &, Antiseri. *História da Filosofia*, Iº vol.

ROCHA, Conceição da & MAGALHÃES, João (1982). *Filosofia 10º ano*, Edições Contrapontos, Porto.

TEXTOS DE APOIOS DE FILOSOFIA ANTIGA (2011). *Cristo Rei – Huambo*.





**FILOSOFIA** (do grego **Φιλοσοφία**, literalmente «amor à sabedoria/amigo do saber») é o estudo de problemas fundamentais relacionados à existência, ao conhecimento, à verdade, aos valores morais e estéticos, à mente e à linguagem. Yeza

O **PENSADOR**, de **AUGUSTE RODIN**, representação clássica de um homem imerso em pensamentos. Yeza



## **SOBRE O AUTOR**



Ricardo Yeza João Baptista, nasceu no dia 04 de Janeiro de 1990, no município do Soyo, Província do Zaire.

Fez os seus primeiros anos de escolaridade nas escolas de Mongo-Soyo, Bairro da Fina e o I Ciclo do Ensino Secundário na Escola Missionária Santo António do Zaire.

O Ensino Médio fê-lo no IMNE - Daniel Vemba e no Seminário Propedêutico Sagrado Coração de Jesus.

É graduado em Curso Superior de Filosofia no Seminário Maior de Cristo Rei e é Licenciado em Curso de Sociologia no Instituto Superior Politécnico Independente.

Nasceu e cresceu numa família humilde e religiosa, formou-se nas escolas missionárias e passou parte da infância a investigar assuntos religiosos com intento de ser sacerdote, mas por razões alheias e de vária ordem, viu escapar o grande sonho.

Muito cedo se apaixonou pela literatura, pois em 2005 foi eleito o melhor aluno na Escola Missionária Santo António do zaire. É autor de obras literárias: A Crítica; O Amor e Respeito Pelo Saber; Vivência e Convivência; Conduza Conversas Agradáveis; Meus e Teus Textos Com Contexto; A Busca da Felicidade na Sociedade Contemporânea.



# **AMOR E RESPEITO PELO SABER**

**Autor:** Ricardo Yeza

**EDITORA DIGITAL**

**"ÁGUA PRECIOSA"**

Telefone: 923 407 949

**Projecto gráfico**

Mukereng Mpôio Calunga Cardoso



Todos os direitos desta obra reservados a  
**Ricardo Yeza**

Este E-book está protegido por  
Leis de direitos autorais na "**CPLP**" "**SADC**" e  
"**PALOP**"

=====  
=====

**"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA  
PORTUGUESA**

**"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA  
AUSTRAL**

**"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA  
OFICIAL PORTUGUESA**

Esta obra está sob uma Licença Commons.  
Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que  
Seja dado crédito aos autores originais –

***Não é permitido modificar esta obra.***

***Não pode fazer uso comercial desta obra.***

***Não pode criar obras derivadas.***

A responsabilidade  
Pelos textos, músicas e imagens  
É exclusivamente do Autor.

